

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XIII – Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita

Índice

Capítulo XIII – Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita	03
Fazer o bem sem ostentação	03
Fazer o bem sem ostentação	04
Como entrar no Reino dos Céus	06
Os infortúnios ocultos	09
O Amor como lei	10
Sair ao encontro do necessitado	13
O óbolo da viúva	14
O óbolo e a providência divina	15
O Evangelho do Cristo em ação (doação de sangue)	17
Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição.	19
A pobreza e o atendimento espiritual na Casa Espírita	20
A cirurgia definitiva	23
Instruções dos Espíritos	
A caridade material e a caridade moral	24
Nossas enfermidades morais	26
A caridade material e a caridade moral	27
A beneficência	28
A beneficência	32
Elucidações de Emmanuel	33
A piedade	34
Um belo exemplo de piedade	35
Piedade em casa	37
Os órfãos	38
Os órfãos e a reencarnação	39
56 – Por amor à criança	40
Benefícios pagos com a ingratidão	41
100 Você e os outros	42
A ingratidão	43
Beneficência exclusiva	44
70 Na tarefa de ajudar	45
Socorrendo sempre	46

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec

Capítulo XIII – Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita

1. Fazer o bem sem ostentação.

1. Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois, do contrário, não recebereis recompensa de vosso Pai que está nos céus. — Assim, quando derdes esmola, não trombeteeis, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. — Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita; — a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

(S. MATEUS, cap. 6:1 a 4.)

2. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o seguiu. Ao mesmo tempo, um leproso veio ao seu encontro e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, poderás curar-me. — Jesus, estendendo a mão, o tocou e disse: Quero-o, fica curado; no mesmo instante desapareceu a lepra. — Disse-lhe então Jesus: abstém-te de falar disto a quem quer que seja; mas, vai mostrar-te aos sacerdotes e oferece o dom prescrito por Moisés, a fim de que lhes sirva de prova.

(S. MATEUS, cap. 8:1 a 4.)

3. Em fazer o bem sem ostentação há grande mérito; ainda mais meritório é ocultar a mão que dá; constitui marca incontestável de grande superioridade moral, porquanto, para encarar as coisas de mais alto do que o faz o vulgo, mister se torna abstrair da vida presente e identificar-se com a vida futura; numa palavra, colocar-se acima da Humanidade, para renunciar à satisfação que advém do testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que prefere ao de Deus o sufrágio dos homens prova que mais fé deposita nestes do que na Divindade e que mais valor dá à vida presente do que à futura. Se diz o contrário, procede como se não cresse no que diz.

Quantos há que só dão na esperança de que o que recebe irá, bradar por toda a parte o benefício recebido! Quantos os que, de público, dão grandes somas e que, entretanto, às ocultas, não dariam uma só moeda! Foi por isso que Jesus declarou: “Os que fazem o bem ostentadamente já receberam sua recompensa.” Com efeito, aquele que procura a sua própria glorificação na Terra, pelo bem que pratica, já se pagou a si mesmo; Deus nada mais lhe deve; só lhe resta receber a punição do seu orgulho.

Não saber a mão esquerda o que dá a mão direita é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta. Mas, se há a modéstia real, também há a falsa modéstia, o simulacro da modéstia. Há pessoas que ocultam a mão que dá, tendo, porém, o cuidado de deixar aparecer um pedacinho, olhando em volta para verificar se alguém não o terá visto ocultá-la. Indigna paródia das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os homens, que não será perante Deus? Também esses já receberam na Terra sua recompensa. Foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos. É tudo o que terão.

E qual poderá ser a recompensa do que faz pesar os seus benefícios sobre aquele que os recebe, que lhe impõe, de certo modo, testemunhos de reconhecimento, que lhe faz sentir a sua posição, exaltando o preço dos sacrifícios a que se vota para beneficiá-lo? Oh! Para esse, nem mesmo a recompensa terrestre existe, porquanto ele se vê privado da grata satisfação de ouvir bendizer-lhe do nome e é esse o primeiro castigo do seu orgulho. As lágrimas que seca por vaidade, em vez de subirem ao Céu, recaíram sobre o coração do aflito e o ulceraram. Do bem que praticou nenhum proveito lhe resulta, pois que ele o deplora, e todo benefício deplorado é moeda falsa e sem valor.

A beneficência praticada sem ostentação tem duplo mérito. Além de ser caridade material, é caridade moral, visto que resguarda a suscetibilidade do beneficiado, faz-lhe aceitar o benefício, sem que seu amor-próprio se ressinta e salvaguardando-lhe a dignidade de homem, porquanto aceitar um serviço é coisa bem diversa de receber uma esmola. Ora, converter em esmola o serviço, pela maneira de prestá-lo, é humilhar o que o recebe, e, em humilhar a outrem, há sempre orgulho e maldade. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa no dissimular o benefício, no evitar até as simples aparências capazes de melindrar, dado que todo atrito moral aumenta o sofrimento que se origina da necessidade. Ela sabe encontrar palavras brandas e afáveis que colocam o beneficiado à vontade em presença do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. A verdadeira generosidade adquire toda a sublimidade, quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de figurar como beneficiado diante daquele a quem presta serviço. Eis o que significam estas palavras: “Não saiba a mão esquerda o que dá a direita.”

Espiritismo para crianças

Nº 297 – 03/02/2013

O Consolador – (Célia Xavier Camargo)

I. fazer o bem sem ostentação

Fazer o bem sem ostentação

Elisa, de onze anos, era uma menina que gostava de ajudar todo mundo. Fosse criança, adulto, idoso, ela não fazia distinção. Se pudesse fazer alguma coisa pela pessoa, não deixava passar a oportunidade. Além disso, também gostava dos animais e das plantas. Quando via um cãozinho abandonado na rua, trazia logo para casa; diante de uma plantinha seca, logo pegava água para molhar.

Seus pais, pessoas muito boas, a educaram desde cedo na observância do Evangelho de Jesus.

Todas as semanas, em dia combinado, eles faziam o estudo do Evangelho no Lar, com grande satisfação e aproveitamento da menina.

Certo dia, porém, a mãe saiu para visitar uma amiga que morava na periferia, e levou a filha. No trajeto, encontraram um garoto muito pobrezinho e Elisa o cumprimentou:

— Como vai, José? E a família? Olhe, mamãe! Está vendo essa camiseta? Fui eu que dei ao José!

De cabeça baixa, envergonhado, o garoto respondeu:

— Nós vamos bem, Elisa, graças a Deus! - e seguiu em frente.

Mais adiante, Elisa viu uma senhora que estendia umas roupas e chamou a atenção da mãe:

— Reconhece o vestido que aquela senhora está vestindo? Era seu, mamãe!

A mulher, tendo ouvido, balançou a cabeça com expressão chateada e disse:

Tem razão, Elisa. Foi você que me deu este vestido, e eu lhe agradeço. Muito obrigada!

A senhora tem uma filha muito boazinha, dona.

Fátima – completou dirigindo-se à mãe.

— Fico contente que tenha servido, Ana. Assim, quando tiver outros, poderei trazer-lhe – disse a mãe de Elisa com um sorriso.

Virando a esquina, Elisa deparou-se com outra menina que ajudara, depois foi um homem, e assim por diante.

Ora era um par de calçados, roupas ou brinquedos.

A mãe, a cada nova menção, sentia-se mais constrangida do que as pessoas citadas pela filha.

Ao chegarem ao endereço aonde Fátima precisava ir, ela conversou com a dona da casa, uma costureira amiga sua a quem costumava levar serviço, e retornaram. A mãe queria dizer algo à filha, mas achou melhor esperar chegarem a casa para conversarem calmamente.

Alberto, o pai de Elisa, já as aguardava para o Evangelho no Lar.

Sentaram-se à mesa, Elisa fez a prece inicial e o pai abriu o Evangelho. A página era: “Fazer o bem sem ostentação”.

Após a leitura, a mãe perguntou se a filha tinha entendido a lição, que fora providencial, ao que ela respondeu:

— Mais ou menos, mamãe. O que quer dizer “que a mão esquerda não saiba o que faz a direita?”... Elas estão tão perto que é impossível isso acontecer!

— Trata-se de sentido figurado, Elisa. Jesus quis nos ensinar a sermos discretos ao praticarmos a caridade.

Isto é, que, ao fazer o bem, não saíamos a divulgar o que fizemos. Entendeu, filha?

— Mas por quê?

— Se as pessoas a quem fizermos o bem nos agradecerem, estaremos pagos. Já recebemos pelo que fizemos. Deus não nos dará a recompensa pela nossa boa ação — completou o pai.

Elisa ficou pensativa, depois olhou para a mãe e perguntou:

— Quer dizer que agi mal hoje, não é, mamãe?

— Não, Elisa. Mas seria melhor se tivesse se calado diante das pessoas a quem ajudou. O que achou da reação delas? — Fátima disse, fitando a filha com carinho.

A menina pensou um pouco e comentou:

— Achei estranha a reação dos meus amigos! Não pareciam estar contentes!

— Isso mesmo, Elisa. Coloque-se na posição deles. Se você estivesse vestindo roupas ou calçados velhos, que ganhou de alguém por não poder comprar, ficaria satisfeita se a pessoa que deu comentasse o fato?

— Não, mamãe. Acho que me sentiria muito envergonhada, constrangida.

— Exatamente, Elisa. Ninguém fica contente numa situação dessas, filha. Por isso, o melhor é fazer o bem e esquecer.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

A pessoa beneficiada sempre irá se lembrar, e é nisso que consiste o mérito de quem ajuda.

Deus, que tudo sabe e tudo vê, dará a recompensa que merecemos.

— Tem toda razão, mamãe. Devo pedir desculpas a eles pelo que eu fiz?

Fátima, imediatamente, levantou as mãos, sorridente:

— Não!.De modo algum, filha; suas desculpas só fariam com que eles voltassem a lembrar-se do que aconteceu.

É como se você revirasse a faca numa ferida aberta, que iria doer de novo. Basta não tocar mais no assunto.

— Entendi, mamãe. E que Deus me perdoe pelo que eu fiz, mesmo sem saber.

— Não se preocupe. Deus é nosso Pai, minha filha, e nos envolve sempre com muito amor.

Além disso, Ele sabe que você não fez por mal.

(MEIMEI)

Crônicas e Artigos

Nº 215 – 26/06/2011

O Consolador – (Renato Costa)

I. Fazer o bem sem ostentação

Como entrar no Reino dos Céus

O que será que devemos fazer para entrar no reino dos céus? Disse-nos Jesus que o reino dos céus está dentro de nós, logo, ele é um estado interior e não algum lugar para onde iremos ao desencarnar.

Disse ainda que ele é para os que são brandos, humildes e caridosos. O estado interior dos brandos está sempre em paz, o dos humildes sempre desejoso de aprender e dos caridosos sempre tomado pelo amor ao próximo.

Quem segue Jesus tem que imitar o Mestre ou, pelo menos, empreender seus melhores esforços para tal. Será bem-sucedido nesse intento se esforçar-se para ser um pouco melhor a cada dia, aprimorando em si as virtudes da brandura, da humildade e da caridade. À medida que essas virtudes forem crescendo em seu coração, mais e mais ele estará no reino dos céus e nada que venha a lhe ocorrer poderá tirá-lo de lá. Falemos, pois, dessas virtudes.

A brandura

Brandura é a falta da violência em nossos corações. Aqueles ainda atrasados no entendimento das leis de Deus pensam que a brandura é característica dos fracos e que ela é incapaz de triunfar sobre os fortes e violentos. Ledo engano! Gandhi, atendo-se somente à verdade (*satya*) e à não-violência (*ahimsa*), dois princípios básicos do Hinduísmo, logrou levar seu país a livrar-se do jugo do mais poderoso império da época.

O exemplo de Gandhi mais tarde inspiraria Martin Luther King, o grande líder que tanto fez para reduzir o racismo nos Estados Unidos, fiel ao princípio da não-violência.

E que brandura mostrou Jesus em todo seu apostolado! Perseguido, ofendido, agredido, jamais se alterou a sua paz interior.

Há uma passagem nos evangelhos, no entanto, que nos soa dissonante, a passagem da expulsão dos vendilhões do templo. Será que ela é prova de que Jesus perdeu sua brandura em algum momento? Vejamos.

O relato de Mateus diz: **“Então Jesus entrou no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; e disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a fazeis covil de salteadores”**

(Mateus 21, 12 e 13).

Mateus não diz que o Mestre fez isso com violência. Raciocinemos, portanto. Era Jesus um homem violento? Diante do desprezo, das ofensas e agressões há algum relato de ele ter revidado de forma agressiva? Não, não há.

Quando Pedro cortou a orelha do soldado que tinha vindo prender seu Mestre, Jesus apoiou sua atitude ou o reprovou? Era Jesus um homem de porte hercúleo ou equipado com pesado armamento para sozinho pôr a correr diversos homens que ali estavam por interesse comercial? Ou terá sido o caso, bem mais provável, de ter Jesus feito os homens se retirarem dali com a força moral com que expôs a eles o tremendo crime contra as Leis de Deus que eles estavam praticando? Não foi com a sua sabedoria e força moral que ele fez se retirarem um a um aqueles que queriam apedrejar a mulher adúltera? É evidente que os vendilhões se retiraram de vergonha diante da autoridade moral de quem os criticava e não por um hipotético ato de violência que não encontra respaldo naquilo que se sabe do comportamento de Jesus segundo os demais relatos das escrituras. Da mesma forma, não tem cabimento achar que Jesus tenha derrubado as mesas com violência, apesar de ter sido possível que o tenha feito com firmeza, mas sem ódio ou qualquer perturbação emocional.

Dissipada, com bom senso, qualquer dúvida sobre ser Jesus um exemplo maior de brandura, resta tirarmos outra dúvida. Brandura não é frouxidão. Jesus foi sempre brando, mas jamais deixou de denunciar com severidade e sua imensa autoridade moral os erros dos poderosos de sua época. Quem é brando não se omite diante dos erros e das injustiças. Apenas se coloca nessas situações com firmeza, mas mantendo-se sereno e sem perturbação emocional.

Ser brando é a primeira condição para se entrar no reino dos céus.

A humildade

Quando Francisco de Assis ouviu mediunicamente Jesus pedir a ele que reformasse a sua Igreja, ele não se envaideceu e foi ter com o Papa dizendo-se um enviado de Jesus para reformar a estrutura hierárquica da Igreja.

Pelo contrário, a humildade do irmão da pobreza foi tamanha que ele pensou que o Mestre queria apenas que ele consertasse a sua igreja, a Porciúncula, e lá se foi ele a procurar material para cumprir o que julgava ser sua missão. No entanto, apesar de tamanha humildade, quanto fez Francisco pela Igreja, fazendo-a voltar sua atenção para os pobres e enfermos, a se despojar do luxo e das riquezas!

Muitas pessoas, ainda com pouco entendimento sobre as leis de Deus, pensam que pessoas evoluídas podem ser orgulhosas de sua condição. O que a história nos mostra, entretanto, é exatamente o oposto. Se alguns cientistas famosos demonstraram vaidade, eles também demonstraram com isso que apenas tinham avançado em conhecimento e não em virtudes morais. Eram grandes sabedores de algum assunto, mas não eram sábios.

Os verdadeiros sábios de todos os tempos sempre demonstraram ter suas mentes totalmente voltadas para a busca do saber, humildemente conscientes de quanto ainda ignoravam.

Ninguém descreveu tal realidade com mais clareza do que Sócrates, quando disse que o verdadeiro sábio é aquele que sabe que nada sabe.

No sermão das bem-aventuranças, segundo a tradução revisada de João Ferreira de Almeida, Jesus disse:

“Bem-aventurados os humildes de espírito porque deles é o reino dos céus”.

Tradução feliz, essa que melhor reflete os ensinamentos do Mestre.

A caridade

A terceira condição para entrarmos no reino dos céus é a caridade, a mais excelsa das virtudes, segundo Paulo ensinou em sua Primeira Epístola aos Coríntios.

O lema do Espiritismo é **“Fora da Caridade não há Salvação”**. A Caridade é o amor incondicional posto em ação.

E o que é o amor incondicional? Recorramos a Paulo para saber. No original em grego da epístola acima mencionada, o apóstolo dos gentios teria se referido à ágape como a virtude maior. No grego antigo havia três palavras que podem ser traduzidas em português como amor.

São elas: (**eros, filia e ágape.**) Elas, na verdade, como veremos, são estágios evolutivos do amor.

Ao galgarmos para o estágio seguinte, não abandonamos o anterior, guardando dele, no entanto, apenas o que tem de melhor.

Eros é o amor apaixonado, o desejo intenso por alguma coisa ou alguém. Ele é, comumente, associado ao amor sexual, mas, na realidade, é mais que isso. Eros é o estágio primitivo, irracional do amor, correspondendo às paixões que sentimos, seja por pessoas, coisas ou ideias.

Eros está relacionado à satisfação pessoal, ao sentimento de realização, como, também, ao orgulho e à vaidade.

Se estacionarmos nesse estágio, nosso **amor** se tornará apenas **egoísmo**, tudo querendo para nosso próprio prazer, nossa própria satisfação. No entanto, se o possuímos de forma controlada e o utilizarmos como um motor para as nobres realizações em benefício do próximo, ele será instrumento importante à nossa disposição, pois nos manterá vibrantes e empolgados, não nos permitindo desanimar jamais.

É **Eros**, também, que nos faz amar a nós mesmos de forma equilibrada quando já estamos evoluídos, sabendo cuidar de nossa saúde física e mental, de nossa aparência, de nossa apresentação no meio em que vivemos.

Ser evoluído não é andar em andrajos, desdentado e sujo. Para quem tem condições de se cuidar, isso é indício apenas de relaxamento.

Estritamente, **Filia** se refere ao amor existente entre pais e filhos, entre familiares e entre entes próximos.

Por extensão, porém, pode ser entendido como amizade. Ao contrário de **Eros**, **Filia** ocorre como resultado da apreciação que temos por aqueles que nos são próximos. É amor emocional, mas, também, racional.

Como **Filia** se entendem, também, as lealdades que temos na família, no trabalho e na sociedade em geral.

Se nos satisfazemos com **Filia** e restringimos nossas ações do bem àqueles que nos são queridos, permaneceremos no **amor possessivo**, pois, ao limitarmos nossa ajuda aos entes que nos são mais

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

próximos, forçosamente esperaremos deles fidelidade a nós, julgando-os nossos devedores. Estacionados nesse estágio, somente amaremos nossos familiares, nossos colegas, nossa raça, nossa cor de pele, nossa religião, formando, com quem se encontra no mesmo estágio que nós, as diversas comunidades exclusivistas e sectárias que se espalham pelo mundo afora. Entretanto, **Fília** pode ser usado, também, com equilíbrio e sabedoria, da mesma forma que Eros. Basta que saibamos que todos são filhos de Deus e, portanto, nossos irmãos e irmãs, constituindo toda a humanidade uma imensa família.

Para os Espíritos evoluídos é **fília** que os faz lembrarem-se da responsabilidade que têm para com seus familiares.

Ser evoluído não é dedicar todo o tempo ao Centro Espírita e deixar os filhos aos cuidados de terceiros.

Quando Joana de Cusa quis seguir a Jesus em suas caminhadas, o Mestre lhe disse que fosse, primeiro, cuidar de seu marido e de seu filho, que haviam sido confiados aos seus cuidados por Deus.

Ágape se refere estritamente ao amor de Deus pelos homens e dos homens por Deus, mas pode ser entendido como o **amor incondicional**, o estágio final da evolução do amor. Quem tem **ágape** no coração faz o bem sem ostentação, serve a todos com igual dedicação, percebe os infortúnios ocultos e age para minorá-los, assim como se empenha nas grandes desgraças com bravura e determinação. Ensina a todos à sua volta, não tanto por palavras, mas, mormente, pelo exemplo constante. É alegre e sereno, estando sempre pronto para o serviço do bem e a cada um se dirigindo conforme suas necessidades.

O amor **ágape** é paciente, bondoso. Não tem inveja, não é orgulhoso. Não é arrogante, nem escandaloso. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor **Ágape** possui, portanto, todas as características da Caridade conforme a define o apóstolo Paulo. Como só alcança o amor **Ágape** alguém que já superou todos os seus defeitos, podemos dizer que alcançá-lo é a característica necessária e suficiente para entrarmos no reino dos céus ou, no dizer espírita, nos tornarmos Espíritos Puros.

A boa notícia que a Doutrina nos traz

Disse Jesus **“Nem todos os que me dizem (Senhor! Senhor!) entrarão no reino dos céus”**. Para aqueles que creem termos uma única existência, milhões de seres humanos, homens e mulheres, foram impedidos de entrar no reino dos céus no passado e milhões mais ainda ficarão. A boa notícia que a Doutrina nos traz é que, quando Jesus disse que o Bom Pastor não perde nenhuma de suas ovelhas, ele estava nos assegurando aquilo que já deveríamos saber, isto é, que todos estamos fadados à perfeição. Ora, a única possibilidade de isso ocorrer é se tivermos múltiplas existências, pois, se não desenvolvermos em nós a brandura, a humildade ou a caridade na presente existência, outras mais nos serão oferecidas até que sejamos bem-sucedidos.

2. Os infortúnios ocultos

4. Nas grandes calamidades, a caridade se emociona e observam-se impulsos generosos, no sentido de reparar os desastres. Mas, a par desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares, que passam despercebidos: os dos que jazem sobre um grabato sem se queixarem. Esses infortúnios discretos e ocultos são os que a verdadeira generosidade sabe descobrir, sem esperar que peçam assistência.

Quem é esta mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, e que traz em sua companhia uma mocinha tão modestamente vestida? Entra numa casa de sórdida aparência, onde, sem dúvida é conhecida, pois que à entrada a saúdam respeitosamente. Aonde vai ela? Sobe até a mansarda, onde jaz uma mãe de família cercada de crianças. À sua chegada, refulge a alegria naqueles rostos emagrecidos. É que ela vai acalmar ali todas as dores. Traz o de que necessitam, condimentado de meigas e consoladoras palavras, que fazem que os seus protegidos, que não são profissionais da mendicância, aceitem o benefício, sem corar. O pai está no hospital e, enquanto lá permanece, a mãe não consegue com o seu trabalho prover às necessidades da família. Graças à boa senhora, aquelas pobres crianças não mais sentirão frio, nem fome; irão à escola, agasalhadas e, para as menorzinhas, o leite não secará no seio que as amamenta. Se entre elas alguma adoecer, não lhe repugnarão a ela, à boa dama, os cuidados materiais de que essa necessite. Dali vai ao hospital levar ao pai algum reconforto e tranquilizá-lo sobre a sorte da família. No canto da rua, uma carruagem a espera, verdadeiro armazém de tudo o que destina aos seus protegidos, que todos lhe recebem sucessivamente a visita. Não lhes pergunta qual a crença que professam, nem quais suas opiniões, pois considera como seus irmãos e filhos de Deus todos os homens. Terminado o seu giro, diz de si para consigo: Comecei bem o meu dia. Qual o seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe. Para os infelizes, é um nome que nada indica; mas é o anjo da consolação. À noite, um concerto de bençãos se eleva em seu favor ao Pai celestial: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que tão singelo traje? Para não insultar a miséria com o seu luxo. Por que se faz acompanhar da filha? Para que aprenda como se deve praticar a beneficência. A mocinha também quer fazer a caridade. A mãe, porém, lhe diz: “Que podes dar, minha filha, quando nada tens de teu? Se eu te passar às mãos alguma coisa para que dêes a outrem, qual será teu mérito? Nesse caso, em realidade, serei eu quem faz a caridade; que merecimento terias nisso? Não é justo. Quando visitamos os doentes, tu me ajudas a tratá-los. Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Não te parece bastante isso? Nada mais simples. Aprende a fazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti.” É assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara a filha para a prática das virtudes que o Cristo ensinou. É espírita ela? Que importa!

Em casa, é a mulher do mundo, porque a sua posição o exige. Ignoram, porém, o que faz, porque ela não deseja outra aprovação, além da de Deus e da sua consciência. Certo dia, no entanto, imprevista circunstância leva-lhe a casa uma de suas protegidas, que andava a vender trabalhos executados por suas mãos. Esta última, ao vê-la, reconheceu nela a sua benfeitora. “Silêncio! ordena-lhe a senhora. Não o digas a ninguém.” Falava assim Jesus.

Especial

Nº 136 – 06/12/2009

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

II. Os infortúnios ocultos

O Amor como Lei

(Lázaro – Espírito), em mensagem publicada por Kardec, diz que:

“A Lei do Amor substitui a personalidade pela fusão dos seres e aniquila as misérias sociais, porque o amor é o agente eficaz capaz de superar obstáculos.”

O amor é Lei da Vida. Nele nos movemos, ele nos sustenta, a ele nos destinamos. Criados pelo amor de um Pai que nos destina à felicidade – a ser construída pelo mérito dos próprios esforços – e sempre amparados pelo amor de irmãos mais experientes e que já galgaram degraus de sabedoria e iluminação interior, situamo-nos todos como aprendizes.

Felizmente, porém, sempre guiados por seres luminosos que, tendo alcançado maturidade, se voltam para nos orientar a difícil e lenta caminhada.

Madre Teresa de Calcutá se dizia **“o lápis de Deus”**, afirmando que quem escrevia era o Senhor.

Chico Xavier se dizia um **“cisco.”**

Irmã Dulce afirmou que **“a miséria é a falta de amor entre os homens.”**

Na mesma linha de raciocínio, Jesus – a maior referência que temos em termos de amor, pureza e grandeza – também afirmou que não veio destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento.

Como afirma Kardec, esse **“Dar-lhe cumprimento quer dizer desenvolvê-la, dar-lhe seu verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens.”** Não é preciso dar exemplo, pois a vida e os atos morais e ensinamentos de Jesus são muito claros.

Todavia, o que se percebe é que vultos da grandeza de Madre Tereza, Chico Xavier ou Irmã Dulce seguem pelo mesmo caminho. São Espíritos maduros, conscientes, experimentados e essencialmente exemplificadores da Lei de Amor, que outra não é senão a **caridade**.

A mesma caridade – que, diga-se, está muito além da esmola e mais nos relacionamentos – que inspirou Vicente de Paulo, Francisco de Assis e outros expressivos ou anônimos nomes que viveram e vivem suas vidas no sentido de aliviar, beneficiar, amparar e atender às necessidades de seus irmãos de caminhada.

O desprendimento desses vultos, a obediência a que se submetem, a humildade – e ao mesmo tempo firmeza – e resignação, que demonstram e vivem, falam mais que mil palavras do sentido e consciência íntima já adquirida no objetivo de vivenciarem o amor. Afinal, quando indagado sobre o maior mandamento da Lei, a resposta do Mestre da Humanidade foi clara: **“Amarei o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma e todo o vosso espírito”**: é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, que é semelhante àquele: **“Amareis vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos.”**

Conforme anotou Mateus.

Jesus é o inspirador dos que dignificam nossa condição humana.

Por outro lado, a síntese da Lei de Amor, expressa no **“Fazei aos homens tudo o que quereis que eles vos façam, porque é a lei e os profetas”**, na anotação de Mateus, e no **“Tratai todos os homens da mesma forma que quereíeis que eles vos tratassem”**, no registro de Lucas, igualmente seguem no mesmo sentido desse amor, atenção e cuidados para com o próximo, sem esquecer que o mesmo proceder deve ser aplicado a nós mesmos, o que não é vaidade, mas expressão também de amor, uma vez que devemos da mesma forma nos respeitar e amar.

Tais considerações nos levam de volta aos exemplos citados no início do presente capítulo. Que motivações levaram Irmã Dulce e Madre Teresa a agir como agiram? Que força é essa que as movimentavam em favor dos pobres e desvalidos, esquecidos, enfermos e abandonados? Da mesma forma, Chico Xavier – inspirador no Brasil das iniciativas em favor dos pobres – granjeou respeito nacional. Esses exemplos, entre tantos outros que podem ser citados – inclusive os anônimos – seguem no mesmo sentido: atender às necessidades, buscar aquele que sofre para amenizar-lhes as dificuldades, estender o olhar compassivo da compaixão, oferecer a mão amiga, a palavra estimuladora e de carinho e,

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

essencialmente, amar, como recomenda a Lei Divina e ensinou o Mestre da Humanidade. Aliás, vale dizer, Jesus é o Supremo Inspirador desses nobres vultos que dignificam nossa condição humana.

As extensas filas de pessoas que buscam sopa em diferentes instituições – de variadas denominações religiosas no Brasil –, que se acumulam para receberem a cesta de Natal, que buscam os bazares de roupas usadas e doadas, que necessitam do socorro médico e odontológico gratuito, que se beneficiam dos cursos profissionalizantes igualmente gratuitos, ou ainda do corte de cabelo, entre outras ações voluntárias, de diferentes iniciativas, vêm-nos dizer dessa força solidária, inspirada pelo amor, que move tanta gente em toda a parte.

Aqui falamos do Brasil, mas não é outra a força que move a Cruz Vermelha Internacional, entre tantas outras ONGs espalhadas pelo planeta.

A solidariedade, inspirada do amor, move-se.

O amor é, aliás, o responsável pelas Santas Casas de Misericórdia, Casas São Vicente de Paulo, asilos, orfanatos, creches, APAEs, entre tantas iniciativas, em suas origens, ainda que sujeitas à burocracia, exigências e necessidades de nosso tempo. É o amor, esse agente eficaz capaz de superar obstáculos e inspirar tais ações.

É que a solidariedade, inspirada do amor, move-se.

Por isso, o Espírito Lázaro - enfatiza: **“A Lei de Amor substitui a personalidade pela fusão dos seres e aniquila as misérias sociais.”** Ora, esse **aniquilar das misérias sociais** (convido o leitor a ampliar o significado da expressão miséria social, que, óbvio, não se resume à fome ou à miséria material) é justamente a iniciativa, ou as iniciativas, de amenizar as dificuldades alheias. E os vultos citados no presente capítulo foram mestres em nos ensinar como fazê-lo, exemplificando, especialmente através do desprendimento e da compaixão, esse **ir ao encontro** das dificuldades alheias.

No capítulo XI de **O Evangelho segundo o Espiritismo**, item 9, o Espírito Fénelon também afirma: **“Para praticar a lei de amor, tal como Deus a entende, é preciso que chegueis, progressivamente, a amar todos os vossos irmãos, indistintamente - Deus o quer, e a lei de amor é o primeiro e o mais importante preceito de vossa nova doutrina, porque é a que deverá, um dia, matar o egoísmo, sob qualquer forma que ele se apresente.”**

Na elaboração da presente abordagem é preciso um esforço enorme para resistir ao desejo de fazer outras transcrições, tamanha a monumental beleza do capítulo XI do citado livro que Kardec intitulou **Amar o próximo como a si mesmo**.

As considerações do Codificador e as mensagens selecionadas e incluídas no subtítulo **Instruções dos Espíritos** fazem do capítulo um precioso documento para bem entendermos essa notável Lei do Amor.

Interessante porque no mesmo capítulo há abordagens também sobre a caridade para com os criminosos que se ampliam no capítulo seguinte, o número XII, intitulado **Amai os Vossos Inimigos**, igualmente com valiosas considerações e mensagens sobre vingança, ódio e ainda os inimigos desencarnados.

É que o amor não se esgota!

Por isso não é por acaso que o capítulo XIII, na sequência, aborda: **Os infortúnios ocultos, O óbolo da viúva, A caridade material e a caridade moral, A Beneficência e A Piedade**, entre outros subtítulos. Note-se que tudo segue no sentido da caridade, tudo para nos ensinar que precisamos respeitar, entender e auxiliar o próximo, apesar de seus equívocos e dificuldades, mesmo porque todos nós igualmente necessitamos de tudo isso.

Fora da caridade não há salvação.

Kardec usou esse título para o capítulo XV da terceira obra da Codificação do Espiritismo, já referida no presente capítulo. Abrindo o capítulo com a conhecida Parábola do Bom Samaritano, o Codificador afirma em suas considerações iniciais, no item 3, que **“Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho.”**

Da mesma forma utilizou-se da 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIII, v. de 1 a 7 e 13, de Paulo, justamente abordando a caridade, que, segundo o Apóstolo, **“é paciente; é doce e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária e precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não procura seus próprios interesses; não se melindra e não se irrita com nada; não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.”**

Allan Kardec faz-nos, então, refletir seriamente sobre a virtude excelente da caridade, em considerações oportuníssimas que o leitor encontra no item 8 do citado capítulo XV e premia o estudioso com a

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

mensagem ditada pelo próprio Paulo em 1860, justamente com o título **Fora da Caridade não há salvação**, autêntica bandeira do Espiritismo.

Na referida mensagem, que encerra o capítulo, que devemos constantemente ler, reler, divulgar e estudar, lemos o seguinte:

“Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume melhor os deveres do homem, do que esta máxima de ordem divina: o Espiritismo não podia provar melhor a sua origem do que dando-a por regra, porque ela é o reflexo do mais puro Cristianismo; com um tal guia o homem não se perderá jamais. Aplicai-vos, pois, meus amigos, em compreender-lhe o sentido profundo e as consequências, e em procurar, por vós mesmos, todas as suas aplicações. Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade, e vossa consciência vos responderá; não somente ela vos evitará fazer o mal, mas vos levará a fazer o bem: porque não basta uma virtude negativa, é preciso uma virtude ativa; para fazer o bem é preciso sempre a ação da vontade; para não fazer o mal basta, frequentemente, a inércia e negligência.”

O incomparável Sermão da Montanha.

Não poderia concluir o capítulo sem referir-me ao incomparável **Sermão da Montanha**. Tamanha é sua expressão, de orientação e conforto, que ele não pode ser esquecido. Ao contrário, deve e precisa ser estudado para estar conosco nas lutas internas e externas de nosso caminho evolutivo. Pois que diretamente ligado à caridade, inclusive para conosco mesmo, precisa aqui ser lembrado com ênfase, ainda que rapidamente.

Sair ao encontro do necessitado

“O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desgraçado sem esperar que ele lhe estenda as mãos.”

(Questão 888-a, de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.)

Na vida sempre estaremos numa posição intermediária, isto é, sendo guiados pelos superiores, que nos apontam caminhos de segurança e tendo a obrigação de ajudar os inferiores, que necessitam da nossa cooperação.

Observando os exemplos dos que seguem à dianteira e servindo de exemplo aos que caminham à retaguarda, vamos construindo a nossa evolução, na direção da paz e da felicidade que tanto ansiamos e que ainda não logramos encontrar.

As mãos estendidas daqueles que seguem pela vida em condições de dor e sofrimento caracterizam-se como campo vasto de trabalho a ser enfrentado, pois que, onde existem angústias e aflições, surge a imperiosa necessidade do socorro urgente.

Inúmeras criaturas existem vivendo dramas e tragédias íntimas, no silêncio, sem coragem para expor seus quadros tormentosos. A estes é que devemos procurar para apresentar-lhes, de muito boa vontade, a nossa sensibilidade e compreensão, em forma de socorro, que possa aliviar-lhes os padecimentos, mesmo que seja um pouco.

Muitas famílias vivem sem o mínimo necessário para uma vida digna; o celeiro vazio, o fogão apagado, a doença presente, o agasalho escasso.

O verdadeiro homem de bem, que compreende Jesus, não espera pelo grito de socorro, antecipa providências em favor delas.

Uma gama enorme de crianças e adolescentes segue pelas estradas da indiferença e do descaso, colhendo por esses caminhos a pior exemplificação moral possível. Ampará-los com urgência é tarefa inadiável daqueles que entenderam o valor da fraternidade.

Idosos solitários, despojados do afeto familiar, muitas vezes apresentam quadros de penúria a enegrecer nosso meio social.

Criar mecanismos capazes de diminuir-lhes os padecimentos e de fazer surgir momentos de esperanças é, incontestavelmente, obrigação de quem já tem plena consciência do **“amai-vos uns aos outros”**, que o Mestre sabiamente nos informou.

Jovens sem rumo e sem perspectivas de vida trafegam pelas vielas sombrias das viciações tóxicas, vivendo um presente nefasto e destruidor. Despertá-los e motivá-los para uma vida digna e promissora deve ser a proposta daqueles que sabem que a mais meritória das virtudes é aquela de ajudar, de forma totalmente desinteressada, quem passa pelos dias sem carregar uma meta a alcançar.

Vivendo em um mundo onde o mal, reconhecidamente, ainda é maior que o bem, não podemos esperar que os necessitados de toda ordem gritem por socorro. Devemos, sempre que possível, antecipar as nossas ações solidárias e fraternas, procurando com criatividade utilizar todos os talentos que possuímos para plantar a felicidade nos corações alheios.

Para tanto, podemos utilizar a inteligência, o tempo, o discernimento, a boa vontade, a iniciativa, os recursos materiais, financeiros e muitos mais, pois que o verdadeiro homem caridoso é aquele que sabe identificar onde se encontra os infortúnios ocultos e movimenta todas as possibilidades possíveis, visando extirpá-los.

Jesus, obviamente, não espera que solucionemos todos os problemas da Terra, mas, por certo, aguarda o nosso interesse pela construção de um mundo melhor, mais fraterno, solidário e humano.

Não acredita, por enquanto, em nossa santidade, mas deposita fé nos esforços que podemos empreender para a consolidação da paz no coração das criaturas.

Dentro das possibilidades possíveis, façamos a nossa parte.

3. O óbolo da viúva

5. Estando Jesus sentado defronte do gazofilácio, a observar de que modo o povo lançava ali o dinheiro, viu que muitas pessoas ricas o deitavam em abundância. — Nisso, veio também uma pobre que apenas deitou duas pequenas moedas do valor de dez centavos cada uma. — Chamando então seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu muito mais do que todos os que antes puseram suas dádivas no gazofilácio; — por isso que todos os outros deram do que lhes abunda, ao passo que ela deu do que lhe faz falta, deu mesmo tudo o que tinha para seu sustento.

(SÃO MARCOS, cap. 12:41 a 44. — S. LUCAS, cap. 21:1 a 4.)

6. Muita gente deplora não poder fazer todo o bem que desejara, por falta de recursos suficientes, e, se desejam possuir riquezas, é, dizem, para lhes dar boa aplicação. É sem dúvida louvável a intenção e pode até alguns ser sincera. Dar-se-á, contudo, seja completamente, desinteressada em todos? Não haverá quem, desejando fazer bem aos outros, muito estimaria poder começar por fazê-lo a si próprio, por proporcionar a si mesmo alguns gozos mais, por usufruir de um pouco do supérfluo que lhe falta, pronto a dar aos pobres o resto? Esta segunda intenção, que esses tais porventura dissimulam aos seus próprios olhos, mas que se lhes depararia no fundo dos seus corações, se eles os perscrutassem, anula o mérito do intento, visto que, com a verdadeira caridade, o homem pensa nos outros antes de pensar em si. O ponto sublimado da caridade, nesse caso, estaria em procurar ele no seu trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos de que carece para realizar seus generosos propósitos. Haveria nisso o sacrifício que mais agrada ao Senhor. Infelizmente, a maioria vive a sonhar com os meios de mais facilmente se enriquecer de súbito e sem esforço, correndo atrás de quimeras, quais a descoberta de tesouros, de uma favorável ensanchar aleatória, do recebimento de inesperadas heranças, etc. Que dizer dos que esperam encontrar nos Espíritos auxiliares que os secudem na consecução de tais objetivos? Certamente não conhecem, nem compreendem a sagrada finalidade do Espiritismo e, ainda menos, a missão dos Espíritos a quem Deus permite se comuniquem com os homens. Daí vem o serem punidos pelas decepções.

(O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, nº 294 e nº 295.)

Aqueles cuja intenção está isenta de qualquer ideia pessoal, devem consolar-se da impossibilidade em que se veem de fazer todo o bem que desejariam, lembrando-se de que o óbolo do pobre, do que dá privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se privar de coisa alguma. Grande seria realmente a satisfação do primeiro, se pudesse socorrer, em larga escala, a indigência; mas, se essa satisfação lhe é negada, submeta-se e se limite a fazer o que possa. Aliás, será só com o dinheiro que se podem secar lágrimas e dever-se-á ficar inativo, desde que se não tenha dinheiro? Todo aquele que sinceramente deseja ser útil a seus irmãos, mil ocasiões encontrará de realizar o seu desejo. Procure-as e elas se lhe depararão; se não for de um modo, será de outro, porque ninguém há que, no pleno gozo de suas faculdades, não possa prestar um serviço qualquer, prodigalizar um consolo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esforço útil. Não dispõem todos, à falta de dinheiro, do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dádiva do pobre, o óbolo da viúva.

Crônicas e Artigos

Nº 436 – 18/12/2015

O Consolador – (Jorge Leite de Oliveira)

III. O óbolo da viúva

O óbolo e a providência divina

É narrado que Jesus se encontrava sentado à frente do gazofilácio, também denominado arca do tesouro, e observou a multidão que depositavam ali sua oferta ao templo.

(Marcos, 12:41 a 44; Lucas, 21:1 a 4.)

Porém uma pobre viúva nada mais fez que colocar na arca, suas duas pequenas moedas, as quais, atualmente, só dariam, talvez, para comprar um pão. Mas era tudo o que ela tinha, e Jesus aproveitou-se daquele cenário para chamar seus apóstolos e lhes dizer que, de todas as doações, a mais elevada foi a da viúva. Pois todos doaram do que lhes sobrava, e ela doou tudo o que tinha para a sua alimentação.

A viúva passaria fome, mas acreditava, estar agradando a Deus e, desse modo, demonstraria a imensa fé de sua alma ao seu Criador.

O próprio Jesus já recomendara a seus discípulos para olharem “as aves no céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros” e nosso **“Pai celestial as alimenta”**

(Mateus, 6: 26).

No versículo anterior, Ele lembrara: **“Não andeis cuidadosos quanto a vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento e o corpo mais do que o vestido?”**

A lei de causa e efeito ou de ação e reação é a maior prova da justiça de Deus. Mesmo quando aparentemente estamos entregues à própria sorte, Ele jamais nos abandona. Se nos deparamos, muitas vezes, com situações de expiações dolorosas, não faltam, na história humana, casos em que a bondade é recompensada de imediato.

Na vida real, também, o ato de desprendimento e de amor ao próximo pode trazer benefício inesperado a quem age no bem. Um exemplo disso é a história narrada pelo Espírito Hilário Silva e psicografada por Chico Xavier, constante do capítulo 19, intitulado **“Assistência mútua”** da obra **Almas em desfile**, editada pela Federação Espírita Brasileira.

Conta-nos o Espírito Hilário que uma cadeira de rodas, doada com amor a uma professora idosa e aposentada por invalidez resultou em inesperada oferta de emprego por ela à sua doadora. Desse modo, dois meses depois de seu gesto de amor, esta assumiu a vaga de professora de uma escola pública, cargo ocupado antes pela beneficiada com a cadeira de rodas. Sua doadora, embora formada no magistério, vinha trabalhando na costura para melhorar a renda familiar, que não era muita. Conclui o Espírito, pela psicografia do extraordinário médium Chico Xavier que **“A bondade gerara a bondade, e uma cadeira de carinho e repouso trouxera outra de serviço e educação”**.

No capítulo 13 de **O Evangelho segundo o Espiritismo**, nos itens 5 e 6, referentes ao **“óbolo da viúva”**, explica Allan Kardec que muitas pessoas lamentam não poder ajudar de modo mais intenso aos necessitados, por não possuírem riquezas materiais suficientes. Mas será que, por trás dessa queixa não estaria, primeiramente, o desejo oculto de primeiro beneficiar-se? Indaga o codificador da Doutrina Espírita.

O caso exemplificado por Jesus mostra-nos que o melhor bem é aquele realizado com pleno desejo de, nas pequenas coisas, tais como **“um serviço qualquer”**, **“um consolo”** a quem dele necessite, o alívio de alguém que sofra fisicamente ou moralmente.

Em conclusão, diz Kardec algo que nos faz refletir e entender o que representa, simbolicamente, o nosso **“óbolo”** mais significativo: **“Não dispõem todos, à falta de dinheiro, do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dívida do pobre, o óbolo da viúva”**.

A propósito, no poema **“Entre nós”**, o Espírito Casimiro Cunha diz-nos, pela psicografia de Chico Xavier o seguinte:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Coração que não se abre
À sementeira do amor
Não guarda com segurança
A luz do Consolador

Muita leitura sem obras
De ensino e consolação
Traz a flor parasitária
Da inútil conversação.

Desalento choramingas,
Em pranto sempre a correr,
Expressa, frequentemente,
Muito serviço a fazer.

Comentários contra ingratos,
Verbo amargoso e violento,
São tristes revelações
No anseio de isolamento.

Discursos sem caridade
— Fraternidade sem portas —
Tribunas que não amparam
São sinais de fontes mortas.

Fadiga de todo instante,
Chorosa, escura e cediça,
Traduz, sem contestação,
Fragilidade e preguiça.

Cabeça muito ilustrada,
Sobre a vida em calmaria,
É urna lavrada em ouro,
Muito nobre, mas vazia.

Entusiasmo eloquente,
Sem atos de amor cristão,
É fogo de palha seca
Em bolhas de água e sabão.

Sublime conhecimento,
Distanciado do bem,
É tesouro enferrujado
Que não ajuda a ninguém.

Banquetes da inteligência,
Sem Jesus suprimindo a mesa,
São brilhos da força bruta
Em pedras da Natureza.

(XAVIER, 2011, p. 29 – 30).

Quando agirmos assim, com completo desinteresse e desejo sincero de servir, amorosamente, a Providência Divina já está a caminho, para servir, junto conosco, e nos socorrer, quando se fizer oportuno. Como diz Davi, em seu Salmo 23: **“O Senhor é meu Pastor, e nada me faltará”**.

Crônicas e Artigos

Nº 314 – 02/06/2013

O Consolador – (Américo D. Nunes Filho)

III. O óbolo da viúva

O Evangelho do Cristo em ação (Doação de sangue)

Os jornais noticiam a todo o momento a necessidade do ato verdadeiramente cristão da doação de sangue, desde que os hospitais, principalmente os de emergência carecem do precioso líquido imprescindível à vida.

Infelizmente, a ação doadora que deveria ser rotineira passou a ser exceção. Por quê? Como explicar, sob o ponto de vista espiritual, ser precisa a comunicação constante da mídia, convocando a população para se engajar na prática grandiosa da doação? Por que o descaso e a inércia diante do sofrimento alheio?

A Doutrina Espírita ensina que vivemos em um planeta, denominado de provas e expiações, correspondente a uma estância importantíssima, destinada ao nosso aprimoramento e aprendizado espiritual, desde que nos encontramos em uma fase incipiente na evolução do espírito, transitando essencialmente pelas trilhas da ignorância, presos ainda às algemas do desamor, cativos da insensibilidade e subjugados à tirania do egoísmo avassalador.

Como prepotentes e orgulhosos, nos julgamos proprietários contumazes do planeta, parecendo desconhecer que a nossa morada se apresenta insignificante diante da grandeza do universo. É importante considerar que a Terra é um ponto minúsculo em nossa galáxia, comparado a um pequeníssimo grão de areia no deserto, sabendo que a Via Láctea contém cerca de 200 bilhões de estrelas. Ao mesmo tempo a nossa galáxia, igualmente, se revela modesta diante da imensidade cósmica, constituída de 125 bilhões de galáxias.

Em verdade o universo espelha, em sua complexidade, beleza e harmonia, a existência de uma “inteligência” que não pode ser atribuída ao nada, ao acaso. Na realidade, a presença da Divindade Superior é imanente a todos nós, considerando-A como causa inteligente de todas as coisas.

Um mestre, que já possui a plenitude cósmica, disse que somos também deuses.

(João, 10:34).

E que o Reino de Deus está dentro de nós.

(Lucas 17:21).

Denomina Deus de “**Meu Pai**” e afirma que na casa de Seu Pai (universo) há muitas moradas.

(João, 14:2).

Portanto, como filhos do Altíssimo e coirmãos de Jesus, somos herdeiros desse grandioso oceano de estrelas, responsáveis pela vida que pulula nos mundos incalculáveis que circulam no espaço infinito.

Como conquistaremos o universo? Pelas vias físicas é impossível, desde que, se fosse possível, viajar de um extremo a outro de nossa galáxia, na velocidade da luz, levaríamos 100.000 anos. Para chegarmos apenas à Andrômeda, a galáxia mais próxima da Via Láctea gastaríamos mais de 2 milhões de anos cruzando o espaço sideral.

Jesus disse que o seu reino não é deste mundo.

(João 18:33).

Para compreender e habitar o universo, necessário se torna galgar os degraus da evolução espiritual, através das inúmeras oportunidades que a reencarnação nos proporciona.

O Novo Testamento diz que “**Deus é Amor**”. Para nos elevar espiritualmente, é preciso praticar sempre o bem, cultivando o amor nas terras áridas do nosso interior.

Paulo afirmou com muita propriedade: “**Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tamanha fé a ponto de transportar montes, se não tiver caridade (amor em ação) nada serei.**”

(1º Co. 13:2).

O Cristo ressaltou que o óbolo da viúva foi ofertado com seu próprio sacrifício, já que sua dádiva foi retirada do seu sustento e lhe faria falta.

(Lucas 21:4).

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

O Mestre reafirmou que o bem que façamos a outrem deve ser realizado em segredo, isto é, sem ostentação: “Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita (Mateus 6:4). Jesus também considerou que, além de amarmos o Pai, deveríamos amar o nosso próximo, assim como a nós mesmos.

(Mateus 22:38-39).

A doação de sangue está claramente contida nesses ensinamentos crísticos. Estaremos, ofertando o que realmente possuímos, o que para muitas pessoas erroneamente faria falta a nosso organismo.

Certamente os que têm medo de doar seu sangue fariam intenso sacrifício e sua dádiva seria análoga à de pobre viúva, citado no Evangelho.

Ao mesmo tempo o próximo que receberá nosso sangue, que talvez seja uma forma de salvá-lo dentro de uma emergência médica, não tomará conhecimento de quem foi o “samaritano” que lhe doou o precioso líquido, vital para a sua sobrevivência.

Quem sabe estaremos em nosso lar, vivenciando um momento de desânimo e receberemos as vibrações de gratidão da vida, mudando todo o nosso interior? Quem sabe se desprendidos do corpo físico, durante o repouso noturno, estaremos, presenciando e participando da vitória da caridade sobre o mal, em um leito de dor?

É importante frisar que a doação de sangue é realizada com material descartável, em bancos de sangue idôneos, sem possibilidade de se contrair qualquer enfermidade. Ao mesmo tempo quem doa sofre uma intensa renovação de seu sangue, tornando-se novos e saudáveis glóbulos sanguíneos. Outra vantagem é de nosso sangue passar por um verdadeiro “**check-up**” gratuito, onde o laboratório fará inúmeras análises, descartando muitas doenças latentes.

Queridos irmãos, vamos doar sangue! Em nossos locais de trabalho e em nossas instituições religiosas incentivemos a doação, constando-a em nossos programas caritativos.

No livro “**O Profeta**”, de Gibran Khalil Gibran, encontramos um profundo ensinamento:

“Vós pouco dais quando dais de vossas posses. É quando dardes de vós próprios que realmente dais”.

E, em nosso íntimo, ressoarão as palavras do nosso querido Mestre Jesus:

“Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.”

(Mateus 25:40).

4. Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição

7. Disse também àquele que o convidara: Quando derdes um jantar ou uma ceia, não convideis nem os vossos amigos, nem os vossos irmãos, nem os vossos parentes, nem os vossos vizinhos que forem ricos, para que em seguida não vos convidem a seu turno e assim retribuam o que de vós receberam. — Quando derdes um festim, convidai para ele os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — E sereis ditosos por não terem eles meios de vo-lo retribuir, pois isso será retribuído na ressurreição dos justos.

Um dos que se achavam à mesa, ouvindo essas palavras, disse-lhe: Feliz do que comer do pão no reino de Deus!

(S. LUCAS, cap. 14:12 a 15.)

8. “Quando derdes um festim, disse Jesus, não convideis para ele os vossos amigos, mas os pobres e os estropiados.” Estas palavras, absurdas, se tomadas ao pé da letra, são sublimes, se lhes buscarmos o espírito. Não é possível que Jesus haja pretendido que, em vez de seus amigos, alguém reúna à sua mesa os mendigos da rua. Sua linguagem era quase sempre figurada e, para os homens incapazes de apanhar os delicados matizes do pensamento, precisava servir-se de imagens fortes, que produzissem o efeito de um colorido vivo. O âmago do seu pensamento se revela nesta proposição: “E sereis ditosos por não terem eles meios de vo-lo retribuir.” Quer dizer que não se deve fazer o bem tendo em vista uma retribuição, mas tão-só pelo prazer de o praticar. Usando de uma comparação vibrante, disse: Convidai para os vossos festins os pobres, pois sabeis que eles nada vos podem retribuir. Por festins deveis entender, não os repastos propriamente ditos, mas a participação na abundância de que desfrutais.

Todavia, aquela advertência também pode ser aplicada em sentido mais literal. Quantos não convidam para suas mesas apenas os que podem, como eles dizem, fazer-lhes honra, ou, a seu turno, convidá-los! Outros, ao contrário, encontram satisfação em receber os parentes e amigos menos felizes. Ora, quem não os conta entre os seus? Dessa forma, grande serviço, às vezes, se lhes presta, sem que o pareça. Aqueles, sem irem recrutar os cegos e os estropiados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e sabem dissimular o benefício, por meio de uma sincera cordialidade.

Crônicas e Artigos

Nº 155 – 25/04/2010

O Consolador – (Vinícius Lousada)

IV. Convidar os pobres e os estropiados.

Dar sem esperar retribuição

A pobreza e o atendimento espiritual na Casa Espírita

“Estes princípios, para mim, não existem apenas em teoria, pois que os ponho em prática; faço tanto bem quanto o permite a minha posição; presto serviços quando posso; os pobres nunca foram repelidos de minha porta, ou tratados com dureza; foram recebidos sempre, a qualquer hora, com a mesma benevolência; jamais me queixei dos passos que hei dado para fazer um benefício.”
(Allan Kardec.)

A caridade como paradigma

Na epígrafe acima encontramos um trecho selecionado de pensamentos íntimos do mestre Allan Kardec a respeito da caridade, constante numa obra publicada após a sua desencarnação que, por sua vez, contém a compilação de uma série de manuscritos postumamente apresentados na Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos.

Nesse texto, em especial, vemos Kardec ressaltar que a caridade para ele não era mera máxima ou palavra bem-posta nos lábios, era uma práxis, ou seja, uma atitude conectada ao exercício do raciocínio sobre a mesma.

Destaca, ainda, que realizava algo em prol do próximo sempre que possível, denotando que seu diminuto tempo livre era disposto no serviço ao outro e, ainda, numa abertura de coração aos mais pobres cujo acolhimento não tinha hora para acontecer.

No meu entendimento, aqui temos um legado moral do mestre lionês que deve servir de paradigma – modelo – para nossas ações no mundo e, igualmente, nas atividades da casa espírita, principalmente aquelas que se referem ao acolhimento de pessoas em condição de pobreza ou inclusão precária no sistema social vigente, tão marcado pelo egoísmo e pela lógica economicista.

Para fazer entender o conceito de inclusão precária, recorro ao sociólogo José de Souza Martins que, ao encarar a questão das desigualdades sociais como um problema mais sociológico do que econômico, gerado pelas formas de desenvolvimento anômalo (que produz a pobreza e a afirma cinicamente como custo necessário à sua efetividade), defende a tese de que a desigual distribuição de bens sociais, culturais e políticos exclui uma extensa legião de pessoas dos processos de participação e provoca a integração em formas desumanas de sobrevivência e de ínfimo protagonismo social, como modos privilegiados daquela e não como a concretização de direitos.

Assim, o referido autor tem o ensejo de problematizar a competência aliciadora e patológica desse modelo de desenvolvimento que inclui os pobres em processos concretamente precários de acesso aos bens sociais, culturais e econômicos.

Lembra-nos ainda que, nas sociedades complexas, as pobreza se multiplicaram, atingindo dimensões da existência humana que jamais identificaríamos como manifestações de carências fundamentais e, nesse sentido, o desafio está em perceber que temos outros modos de diferenciação social que impõem a certas pessoas lugares sociais subalternos.

Desse modo, se a opção do Espiritismo é fazer a criatura humana feliz, cabe ao espírita que lida com pessoas que vivem expostas à pobreza comprometer-se com a superação das situações-limites que as impedem de serem mais, sem pensar-se salvador do mundo, mas alguém que, pelos saberes que detém, e tendo Jesus por inspiração maior, tem o compromisso social de realizar algo de concreto nesse sentido.

Tal compreensão nos leva a crer que o atendimento espiritual na casa espírita necessita estender a mão ao irmão pobre e, numa escuta sensível, identificar as misérias ocultas, fazendo o melhor ao seu alcance, sem qualquer forma de discriminação ou indiferença.

Fazer o melhor significa cumprir o dever já assinalado por Kardec quando escreveu:

“O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real”.

A sugestão do Espírito Cheverus

Em **“O Evangelho segundo o Espiritismo”**, verdadeiro código de bem viver, Kardec publica a comunicação de um Espírito que assina Cheverus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Segundo ele, diante do sofredor a primeira ação é o alívio. Quando recebemos alguém na casa espírita cujo coração está tomado por dramas pessoais, são inúteis demorados discursos doutrinários ou exposições alongadas sobre as normas e dinâmica da instituição.

É uma questão de bom senso:

Primeiro aliviemos o sofrimento de nosso irmão, abraçando-o fraternalmente e manifestando de tal modo o nosso sentimento de acolhida que, através do nosso olhar atento, da escuta e do diálogo esclarecedor, seja possível estabelecer o laço de confiança essencial para podermos ajudá-lo.

Segundo, Cheverus nos propõe que nos informemos a respeito da situação transitória de sofrimento do companheiro que nos roga auxílio. Destaco a transitoriedade para que não caiamos em posturas estigmatizantes que nomeiam o pobre como “coitadinho”, não vendo nele as potencialidades de Espírito imortal e de indivíduo capaz de, com as devidas oportunidades, prover dignamente a própria existência.

Daí a importância do diálogo do atendimento fraterno na casa espírita que deve ser orientado pelo primado da escuta. Não apreendemos as circunstâncias que cercam a vida do solicitante se não lhe escutarmos a narrativa e, para tanto, precisamos abrir mão de qualquer ansiedade de conversão do outro à nossa crença.

Aliás, por dois motivos: o Espiritismo é uma doutrina de livre adesão pelo raciocínio e pela maturidade do senso moral e, também, o momento do atendimento fraterno não é senão para consolar mediante breves esclarecimentos ou pela via do socorro improvisado, conforme a carência daquele que procura o atendimento espiritual na casa espírita.

Mas o conhecimento de forma mais aprofundada, sem invasão de privacidade ou humilhação, das condições em que vive nosso irmão de caminhada atrelado à pobreza material, pede o encaminhamento, após – insisto – a ajuda imediata, ao departamento da casa espírita especializado nas tarefas de ação social, capazes de assistir as famílias pobres e, ao mesmo tempo, exercer uma pedagogia de geração de trabalho e renda a fim de contribuir com a emancipação das classes populares ao lado da espiritualização dos indivíduos.

Assim, o benfeitor espiritual recomenda outro ponto a ser observado no roteiro de ajuda cristã: que nos informemos de tal forma a respeito do indivíduo e de suas lutas materiais e verifiquemos se a oferta de trabalho, de conselhos norteados pela Filosofia Espírita e se a nossa afeição não será mais eficaz do que a pura e simples esmola em seu favor, pela sua libertação.

A esmola, manifestação de uma lógica assistencialista, é uma ação que atende a carência material sem intencionalidade educativa e que avilta a humanidade do sujeito, adestrando-o à condição da mendicância ou da dependência. Como tal, não atende ao projeto regenerador do Espiritismo para humanidade.

Desse modo, creio ser interessante que a equipe de voluntários da casa espírita tome conhecimento de belas iniciativas dentro e fora do movimento espírita a respeito das redes de economia solidária, aquela que surge como uma reposta possível ao sistema social vigente que tanto desumaniza – jogando multidões ao abismo da sociedade de consumo – quanto produz uma crise ecológica sem precedentes em nossa História.

Adiante, Cheverus propõe que difundamos, como devemos fazer com os socorros materiais, os princípios do amor de Deus, do amor ao trabalho, o amor ao próximo, colocando nossos recursos nas boas obras. E, como não poderia deixar de fazer, sugere que os recursos intelectuais que venhamos a possuir sejam dispostos à instrução do povo.

Essa mensagem atualíssima registrada por Allan Kardec, numa das obras fundamentais da Doutrina dos Espíritos, apresenta efetivamente uma ação pedagógica de acolhimento das classes populares na casa espírita.

Todavia, é preciso dizer que essa ação educativa, que começa no acolhimento, encontrará seu ápice no instante em que, nas demais atividades interdependentes da agremiação espírita, aqueles que estão excluídos socialmente encontrarem suporte para viver com dignidade, trabalhando, produzindo e convivendo em regime de fraternidade cristã.

Convidar os pobres

O Mestre certa feita orientou os discípulos para que, ao realizarem uma festa, convidassem os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. E, ainda, ressaltara que na adesão desses à festa é que os discípulos seriam felizes, pois os pobres não teriam como retribuir a gentileza de modo algum e que é na vida futura que encontrariam ressarcimento do bem levado a efeito na experiência terrestre.

Segundo Allan Kardec, o festim, na atualidade, não são as ruidosas festas do mundo e, sim, a partilha na abundância de que desfrutamos junto aos saberes espíritas. Para tanto, necessitamos de partilhar

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

“homeopaticamente” a espiritualidade subjacente ao Espiritismo com nossos irmãos estigmatizados pela exclusão que travam contato conosco, em particular, na casa espírita.

Cabe-nos estender-lhes o atendimento espiritual – o acolhimento da recepção, o diálogo fraterno, a palestra e os passes – sem qualquer distinção por ser mesmo a casa espírita o educandário da mente popular, segundo a sua própria finalidade, entretanto, ao tomarmos consciência das dores morais e sofrimentos materiais do próximo, não podemos congelar-nos na indiferença porque, numa ética altruísta como a proposta pelo Espiritismo, somos corresponsáveis pela felicidade alheia.

Estudando Kardec.

“Amigos, de mil maneiras se faz a caridade. Podeis fazê-la por pensamentos, por palavras e por ações.

Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem se acharem sequer em condições de ver a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dando aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos, dizendo aos que o desespero, as privações azedaram o ânimo e levaram a blasfemar do nome do Altíssimo:(Eu era como sois; sofria, sentia-me desgraçado, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora, sou feliz).”

Crônicas e Artigos

Nº 45 – 02/03/2008

O Consolador – (Rogério Coelho)

IV. Convidar os pobres e os estropiados.

Dar sem esperar retribuição

A “cirurgia” definitiva

"A intervenção cirúrgica corrige transitoriamente as deficiências físicas.

O amor, trabalhando nos tecidos sutis da alma, purifica e redime para a Eternidade."

(Francisco C. Xavier)

Basta sairmos às ruas ou visitarmos determinados hospitais para constarmos o “desfile” de misérias físicas e morais. Estropiados de vários matizes são facilmente encontrados em toda parte. Mas isso não é de causar surpresa, vez que a Terra é, além de outras coisas, um grande hospital para almas enfermas.

Não obstante o avanço tecnológico da engenharia médica, felicitada a cada dia com novos e sofisticados equipamentos e técnicas cada vez mais ousadas, ainda não conseguiu o homem promover as modificações internas do ser:

Dá uma “caiação” superficial, mas o interior continua contendo o fulcro da desarmonia. A cirurgia faz desaparecer as anomalias inibidoras ou deformantes de implementos somáticos, porém, o perispírito conservará no “**arquivo em ser**” a reprodutriz geradora da deficiência e, sendo ele (o perispírito) o **Modelo Organizador Biológico** - dos futuros corpos físicos, projetará a imperfeição nas reencarnações futuras.

A medicina terrestre, embora realizando prodígios impensados há já alguns anos, nada pode fazer para erradicar as “**matrizes dos equívocos**”, sendo, portanto, impotente para corrigir as anomalias orgânicas em criaturas que sofrem processos de resgates cármicos.

Sem embargo, como na contabilidade divina não existe problema sem solução, alteia-se, em seu contexto, um **recurso infalível – único** – capaz de aformosear o Espírito em seus mais íntimos refolhos, erradicando de vez com as nódoas mais renitentes. **Esse recurso é o amor.**

Já dizia Pedro (I Pedro, 4:8):

“Mas, sobretudo, tende ardente Caridade uns para com os outros; porque a Caridade cobrirá a multidão de pecados”

Também Tiago registra:

“Saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma Alma, e cobrirá uma multidão de pecados”.

A Doutrina Espírita apregoa altissonante: **“Fora da Caridade não há salvação”.**

Paulo de Tarso acrescenta:

“Se eu não tiver Caridade, nada sou. Agora permanecem as três virtudes: Fé, Esperança e Caridade, mas a mais excelente é a Caridade”.

João, o Evangelista, já velhinho, repetia incansavelmente:

“Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.”

O Meigo Rabi sintetizou todas as Leis no **Amor a Deus e ao próximo como a si mesmo**. Portanto, como diz Lázaro **“Amor resume a doutrina de Jesus toda inteira”.**

Só quem não quer mesmo enxergar não entende, porque está mais do que claro que o aformoseamento e saúde do Espírito passam pela condicionante do amor, isto é, a definitiva cirurgia da Alma está no amor que

“purifica e redime para a Eternidade.”

Poeticamente, conclui Maria:

Nada se perde. A dor é o berço da alegria.

O gelo unicamente é a ausência do calor,

Tudo o que foge à Lei, de novo se inicia,

Tudo a Vida refaz nas gradações do Amor.

5. Instruções dos Espíritos.

1. A caridade material e a caridade moral

9. “Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos nos fizessem eles.” Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem observados nesse mundo, todos seríeis felizes: não mais aí ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, porquanto, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e não mais veríeis, nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava.

Ricos! Pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vosso invólucro terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, a receber-vos no limiar de um mundo mais ditoso.

Se pudésseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem, na minha última existência, me fora dado servir!

Amai, portanto, o vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, pois já sabeis, agora, que, repelindo um desgraçado, estareis, quiçá, afastando de vós um irmão, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que desespero não vos sentireis presa, ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Desejo compreendais bem o que seja a caridade moral, que todos podem praticar, que nada custa, materialmente falando, porém, que é a mais difícil de exercer-se.

A caridade moral consiste em se suportarem umas às outras as criaturas e é o que menos fazeis nesse mundo inferior, onde vos achais, por agora, encarnados. Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõem acima de vós, quando na vida espírita, a única real, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de ou trem é caridade moral.

Essa caridade, no entanto, não deve obstar à outra. Tende, porém, cuidado, principalmente em não tratar com desprezo o vosso semelhante. Lembrai-vos de tudo o que já vos tenho dito: Tende presente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em posição inferior a vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu pudera auxiliar, algumas vezes, e ao qual, a meu turno, tenho agora de implorar auxílio.

Lembrai-vos de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o mendigo. Adeus: pensai nos que sofrem e orai.

(Irmã Rosália, Paris, 1860.)

10. Meus amigos, a muitos dentre vós tenho ouvido dizer: Como hei de fazer caridade, se amiúde nem mesmo do necessário disponho?

Amigos, de mil maneiras se faz a caridade. Podeis fazê-la em pensamento, por palavras e por ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem se acharem sequer em condições de ver a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dando aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos, dizendo aos que o desespero, as privações azedaram o ânimo e levaram a blasfemar do nome do Altíssimo: “Eu era como sois; sofria, sentia-me desgraçado, mas acreditei no Espiritismo e, vede agora sou feliz” Aos velhos que vos disserem: “É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei como vivi”, dizei: “Deus usa de justiça igual para com todos nós; lembrai-vos dos obreiros da última hora!” Às crianças já viciadas pelas companhias de que se cercaram e que vão pelo mundo, prestes a sucumbir às más tentações, dizei: “Deus vos vê, meus caros pequenos!”, e não vos canseis de lhes repetir essas brandas palavras. Elas acabarão por lhes germinar nas inteligências infantis e, em vez de vagabundos, fareis deles homens. Também isso é caridade.

Dizem, outros dentre vós: “Ora! somos tão numerosos na Terra, que Deus não nos pode ver a todos.” Escutai bem isso, meus amigos: quando estais no cume da montanha, não abrangeis com o olhar os bilhões de grãos de areia que a cobrem? Pois bem: do mesmo modo vos vê Deus. Ele vos deixa usar do vosso livre-arbítrio, como vós deixais que esses grãos de areia se movam ao sabor do vento que os dispersa. Apenas, Deus, em sua misericórdia infinita, vos pôs no fundo do coração uma sentinela vigilante, que se chama consciência. Escutai-a, que somente bons conselhos ela vos dará. Às vezes, conseguis entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal. Ela, então se cala. Ficais certos, porém, de que a pobre escorraçada se fará ouvir, logo que lhe deixardes aperceber-se da sombra do remorso. Ouvi-a, interrogai-a e com frequência vos achareis consolados com o conselho que dela houverdes recebido.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega um estandarte. Eu vos dou por divisa esta máxima do Cristo: "Amai-vos uns aos outros". Observai esse preceito, reuni-vos todos sob essa bandeira e tereis ventura e consolação.

(Um Espírito protetor, Lyon, 1860.)

Nossas enfermidades morais

Quando se vê tanta miséria e sofrimento na Terra, surge a grande pergunta: Por quê? Ficamos sem respostas claras, se não tivermos consciência dos mecanismos da reencarnação.

É importante que, além da explicação que fazemos neste espaço, sobre a pluralidade dos mundos habitados, consideremos que:

A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe, conforme esclarece o item 18 do capítulo IV (**Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo**), de: **“O Evangelho segundo o Espiritismo.”**

Não estamos aqui para gozar as delícias terrestres, mas para sublimar os nossos Espíritos através do aprendizado constante e do aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual. Somos viajores eternos, rumo à perfeição.

Há um sentido em estarmos aqui, em termos nascido exatamente neste lugar, em pertencermos à família onde estamos.

De acordo com o que fazemos e como agimos, nossa trajetória segue um plano perfeito, dentro das Leis Divinas.

Quanto à questão da pluralidade dos mundos habitados, ela não enfrenta nos dias de hoje as barreiras humanas com que era vista, há algum tempo atrás. Com o avanço da Ciência, com a NASA descobrindo outros sons no Universo, fica difícil sustentar que somos seres privilegiados, que viemos para a Terra a fim de gozar de um mundo de delícias, criado especialmente para nós.

Quando Jesus disse: **“Não se turve o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar”**

(João, 14: 1 a 4.)

Está claro que a casa do Pai a que o Mestre se referiu é o Universo e as diferentes moradas, os diversos mundos que circulam no espaço infinito. Independente disso, as palavras de Jesus devem também ser interpretadas como o estado feliz ou infeliz dos Espíritos na Erraticidade.

Os diversos mundos possuem condições diferentes uns dos outros, segundo o grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Há mundos superiores, inferiores e iguais à Terra. **“O meu Pai trabalha incessantemente”**, disse Jesus.

Se considerarmos o Pai trabalhando continuamente, entenderemos essas diferenças, tal como as entenderemos no tocante aos Espíritos, que são criados por Deus, simples e ignorantes, mas, conforme o livre-arbítrio de cada um, alcançam evoluções diferentes, estágios diferentes.

Há uma infinidade de mundos no Espaço e seria impossível à inteligência humana classificá-los. Mas o Espiritismo os classifica em:

Mundos primitivos, onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana;

Mundos de expiações e provas, em que o mal predomina;

Mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta;

Mundos felizes, onde o bem supera o mal;

Mundos celestes ou divinos, moradas dos Espíritos Puros, onde somente o bem existe.

A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e provas. Por isso, a razão de tanta miséria. Pelas maldades e paixões inferiores da Terra, conclui-se que a espécie humana seja uma coisa abjeta, miserável.

O julgamento, porém, decorre de uma falsa visão de conjunto, pois a humanidade não se encontra toda na Terra.

A população da Terra, diante da população total dos mundos, é como a população de um lugarejo, com relação à população de um grande império.

Se considerarmos a Terra como um lugarejo, ou ainda, como um hospital, onde só vemos doentes estropiados, compreenderemos que aqui se encontram encarnados os que não adquiriram, ainda, condições suficientes para estarem em mundos melhores. Isto ocorrerá quando estivermos curados de nossas enfermidades morais.

Crônicas e Artigos

Nº 159 – 23/05/2010

O Consolador – (Waldenir A. Cuin)

V. Instruções dos Espíritos

I. A caridade material e a caridade moral

A caridade material e a caridade moral

“Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fosse feito”. Toda a religião, toda a moral se encerram nestes dois preceitos. Se eles fossem seguidos no mundo, todos seriam perfeitos. Não haveria ódios, nem ressentimentos.

(Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XIII, item 09 – Allan Kardec.)

Incontestavelmente, a felicidade e a paz da criatura humana devem ser a meta e o objetivo de todas as nossas ações.

É imperioso que saibamos analisar o nosso comportamento, atitudes e procedimentos, na vida, para detectarmos se estamos realmente agindo de forma a priorizar os valores que promovam o bem-estar dos nossos irmãos de caminhada.

Quando a nossa participação, dentro do contexto social em que vivemos, estiver acarretando um mínimo prejuízo a alguém, nesse instante, estaremos, atravancando o progresso da humanidade.

Agindo assim, ilusoriamente, colheremos, talvez, alguns benefícios imediatos que acreditamos ser merecedores, para no futuro, com arrependimento, repará-los sob o peso do sofrimento.

Precisamos viver pensando sim em nós, mas sem esquecer os outros, uma vez que ninguém consegue ser feliz sozinho. Sejamos, então, caridosos.

A caridade poderá ser material ou moral, ambas de suma e imprescindível importância, que devem ser praticadas exaustivamente.

A caridade material, de valor inquestionável, é mais fácil de ser praticada, pois que dificilmente alguém não disporá de algum recurso para minorar, mesmo que seja um pouco, as carências materiais de um necessitado.

Uma cesta básica de alimentos à família pobre, roupas destinadas ao desnudo, edificação de instituições de caráter filantrópico e de promoção humana para abrigo de crianças, adolescentes, jovens e idosos desamparados, preparação de enxovais para recém-nascidos carentes são algumas das formas da caridade material, de extremo valor aos que dela necessitam.

Já a caridade moral, de maior e mais intensa abrangência, carece de maior empenho e perseverança para a sua execução. Ela nada custa financeiramente, mas exige de nós um amadurecimento mais acurado e uma visão real da vida bem mais profunda e estruturada.

Fazemos a caridade moral quando conseguimos, com equilíbrio, suportarmos uns aos outros, aceitando cada criatura como ela é, e não como gostaríamos que ela fosse.

Fazemos a caridade moral quando sabemos silenciar para ouvir alguém falar, principalmente quando esse alguém sabe menos do que nós e se julga superior.

Fazemos a caridade moral quando convivemos com um familiar doente, que por muitos anos exige os nossos cuidados e dedicação, sem lamentarmos ou nos revoltarmos com a situação.

Fazemos a caridade moral quando cuidamos de um filho problemático e deslocado do contexto da normalidade, amando-o intensamente, esperando pela sua melhora e adequação ao equilíbrio.

Fazemos a caridade moral quando temos forças para caminhar com um cônjuge desequilibrado, muitas vezes atolado em viciações e futilidades.

Fazemos a caridade moral quando doamos o nosso tempo de folga, as nossas preocupações e os nossos interesses a ideais de nobreza, visando prestar serviços para construção de um mundo melhor, mais solidário e humano.

O importante é que façamos a caridade, seja ela material ou moral, mas façamos a caridade, pois, à medida que plantamos a alegria de viver nos corações que nos cercam, a Providência Divina, que tudo sabe e vê, agirá de forma a improvisar a nossa ventura. Francisco de Assis, há mais de um milênio, já nos informou “que é dando que se recebe”.

Sejamos, então, caridosos.... Reflitamos.

5. Instruções dos Espíritos. 2. A beneficência

11. A beneficência, meus amigos, dar-vos-á nesse mundo os mais puros e suaves deleites, as alegrias do coração, que nem o remorso, nem a indiferença perturbam. Oh! pudésseis compreender tudo o que de grande e de agradável encerra a generosidade das almas belas, sentimento que faz olhe a criatura as outras como olha a si mesma, e se dispa, jubilosa, para vestir o seu irmão! Pudésseis, meus amigos, ter por única ocupação tornar felizes os outros! Quais as festas mundanas que podereis comparar às que celebrais quando, como representantes da Divindade, levais a alegria a essas famílias que, da vida apenas conhecem as vicissitudes e as amarguras, quando vedes nelas os semblantes macerados refulgirem subitamente de esperança, porque, faltos de pão, os desgraçados ouviam seus filhinhos, ignorantes de que viver é sofrer, gritando repetidamente, a chorar, estas palavras, que, como agudo punhal, se lhes enterravam nos corações maternos: “Estou com fome!” Oh! compreendei quão deliciosas são as impressões que recebe aquele que vê renascer a alegria onde, um momento antes, só havia desespero! Compreendei as obrigações que tendes para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio; ide em socorro, sobretudo, das misérias ocultas, por serem as mais dolorosas! Ide, meus bem-amados, e tende em mente estas palavras do Salvador: “Quando vestirdes a um destes pequeninos, lembrai-vos de que é a mim que o fazeis!”

Caridade! Sublime palavra que sintetiza todas as virtudes, és tu que hás de conduzir os povos à felicidade. Praticando-te, criarão eles para si infinitos gozos no futuro e, enquanto se acharem exilados na Terra, tu lhes serás a consolação, o prelibar das alegrias de que fruirão mais tarde, quando se encontrarem reunidos no seio do Deus de amor. Foste tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de satisfação de que gozei na Terra. Que os meus irmãos encarnados creiam na palavra do amigo que lhes fala, dizendo-lhes: É na caridade que deveis procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio para as aflições da vida. Oh! Quando estiverdes a ponto de acusar a Deus, lançai um olhar para baixo de vós; vede que de misérias a aliviar, que de pobres crianças sem família, que de velhos sem qualquer mão amiga que os ampare e lhes feche os olhos quando a morte os, reclame! Quanto bem a fazer! Oh! Não vos queixeis; ao contrário, agradecei a Deus e prodigalizai a mancheias a vossa simpatia, o vosso amor, o vosso dinheiro por todos os que, deserdados dos bens desse mundo, enlanguescem na dor e no insulamento! Colhereis nesse mundo bem doces alegrias e, mais tarde – só Deus o sabe!
(Adolfo, bispo de Argel, Bordéus, 1861.)

12. Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: “Amái-vos uns aos outros.” Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna. Ao demais, qual dentre vós ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se unicamente buscásseis a volúpia que uma ação boa proporciona, conservar-vos íeis sempre na senda do progresso espiritual. Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa vontade. Notai que a vossa história guarda piedosa lembrança de uma multidão de homens de bem.

Não vos disse Jesus tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos males provêm todos do abandono voluntário a que votais esse resumo das leis divinas. Lede lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditai-as.

Homens fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, mais constantes na propagação da vossa nova doutrina. Apenas encorajamento é o que vos vimos dar; apenas para vos estimularmos o zelo e as virtudes é que Deus permite nos manifestemos a vós outros. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas unicamente se produzem para os de olhos fechados e corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por ele à criatura. Como desprezar essa bondade suprema?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Qual o coração, disso ciente, bastante perverso para recalcar em si e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque também os Espíritos têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciei como uma das que mais hão de contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos a pedirem lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa.

Vejo-os, minhas bondosas e queridas irmãs, no piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que vos recomendo, com todo o júbilo que deriva de uma existência de dedicação e sacrifícios. Imensa dita é a minha, por ver quanto lhes honra o caráter, quão estimada e protegida é a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; no exercício mesmo dessa virtude, encontrareis a vossa recompensa; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sede unidos, amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

(S. Vicente de Paulo, Paris, 1858.)

13. Chamo-me Caridade; sigo o caminho principal que conduz a Deus. Acompanhai-me, pois conheço a meta a que deveis todos visar.

Dei esta manhã o meu giro habitual e, com o coração amargurado, venho dizer-vos: Oh! Meus amigos, que de misérias, que de lágrimas, quanto tendes de fazer para secá-las todas! Em vão, procurei consolar algumas pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: Coragem! Há corações bons que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus lá está; sois dele amadas, sois suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e voltavam para o meu lado os olhos arregalados de espanto; eu lhes lia no semblante que seus corpos, tiranos do Espírito, tinham fome e que, se é certo que minhas palavras lhes serenavam um pouco os corações, não lhes reconfortavam os estômagos. Repetia-lhes: Coragem! Coragem! Então, uma pobre mãe, ainda muito moça, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a pedir-me que protegesse aquele entezinho que só encontrava, num seio estéril, insuficiente alimentação.

Alhures vi, meus amigos, pobres velhos sem trabalho e, em conseqüência, sem abrigo, presas de todos os sofrimentos da penúria e, envergonhados de sua miséria, sem ousarem, eles que nunca mendigaram, implorar a piedade dos transeuntes. Com o coração tímido de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles e vou, por toda a parte, estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Por isso é que aqui venho, meus amigos, e vos digo: Há por aí desgraçados, em cujas choupanas falta o pão, os fogões se acham sem lume e os leitos sem cobertas. Não vos digo o que deveis fazer; deixo aos vossos bons corações a iniciativa. Se eu vos ditasse o proceder, nenhum mérito vos traria a vossa boa ação. Digo-vos apenas: Sou a caridade e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos que sofrem.

Mas, se peço, também dou e dou muito. Convido-vos para um grande banquete e forneço a árvore onde todos vos saciareis! Vede quanto é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, apanhai todos os frutos dessa magnificente árvore que se chama a beneficência. No lugar dos ramos que lhe tirardes, atarei todas as boas ações que praticardes e levarei a árvore a Deus, que a carregará de novo, porquanto a beneficência é inexaurível. Acompanhai-me, pois, meus amigos, a fim de que eu vos conte entre os que se arrolam sob a minha bandeira. Nada temais; eu vos conduzirei pelo caminho da salvação, porque sou – a Caridade.

(Cárita, martirizada em Roma, Lyon, 1861.)

14. Várias maneiras, há de fazer-se a caridade, que muitos dentre vós confundem com a esmola. Diferença grande vai, no entanto, de uma para outra. A esmola, meus amigos, é algumas vezes útil, porque dá alívio aos pobres; mas é quase sempre humilhante, tanto para o que a dá, como para o que a recebe. A caridade, ao contrário, liga o benfeitor ao beneficiado e se disfarça de tantos modos! Pode-se ser caridoso, mesmo com os parentes e com os amigos, sendo uns indulgentes para com os outros, perdoando-se mutuamente as fraquezas, cuidando não ferir o amor-próprio de ninguém. Vós, espíritas, podeis sê-lo na vossa maneira de proceder para com os que não pensam como vós, induzindo os menos esclarecidos a crer, mas sem os chocar, sem investir contra as suas convicções e, sim, atraindo-os amavelmente às nossas reuniões, onde poderão ouvir-nos e onde saberemos descobrir nos seus corações a brecha para neles penetrarmos. Eis aí um dos aspectos da caridade.

Escutai agora o que é a caridade para com os pobres, os deserdados deste mundo, mas recompensados de Deus, se aceitam sem queixumes as suas misérias, o que de vós depende. Far-me-ei compreender por um exemplo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Vejo, várias vezes, cada semana, uma reunião de senhoras, havendo-as de todas as idades. Para nós, como sabeis, são todas irmãs. Que fazem? Trabalham depressa, muito depressa; têm ágeis os dedos. Vede como trazem alegres os semblantes e como lhes batem em uníssono os corações. Mas, com que fim trabalham? É que vêm aproximar-se o inverno que será rude para os lares pobres. As formigas não puderam juntar durante o estio as provisões necessárias e a maior parte de suas utilidades está empenhada. As pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhinhos que, durante a estação invernos, sentirão frio e fome! Tende paciência, infelizes mulheres. Deus inspirou a outras mais aquinhoadas do que vós; elas se reuniram e estão confeccionando roupinhas; depois, um destes dias, quando a terra se achar coberta de neve e vós vos lamentardes, dizendo: “Deus não é justo”, que é o que vos sai dos lábios sempre que sofreis, vereis surgir a filha de uma dessas boas trabalhadoras que se constituíram obreiras dos pobres, pois que é para vós que elas trabalham assim, e os vossos lamentos se mudarão em bênçãos, dado que no coração dos infelizes o amor acompanha de bem perto o ódio.

Como essas trabalhadoras precisam de encorajamento, vejo chegarem-lhes de todos os lados as comunicações dos bons Espíritos. Os homens que fazem parte dessa sociedade lhes trazem também seu concurso, fazendo-lhes uma dessas leituras que agradam tanto. E nós, para recompensarmos o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos às laboriosas obreiras, boa clientela, que lhes pagará à vista, em bênçãos, única moeda que tem curso no Céu, garantindo-lhes, além disso, sem receio de errar, que essa moeda não lhes faltará.

(Cárita, Lyon, 1861.)

15. Meus caros amigos, todos os dias ouço entre vós dizerem: “Sou pobre, não posso fazer a caridade”, e todos os dias vejo que faltais com a indulgência aos vossos semelhantes. Nada lhes perdoais e vos arvorais em juizes muitas vezes severos, sem quererdes saber se ficardes satisfeitos que do mesmo modo procedessem convosco. Não é também caridade a indulgência? Vós, que apenas podeis fazer a caridade praticando a indulgência, fazei-a assim, mas fazei-a largamente. Pelo que toca à caridade material, vou contar-vos uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer. Dissera Deus: Enquanto esses dois homens viverem, deitar-se-ão em sacos diferentes as boas ações de cada um deles, para que por ocasião de sua morte sejam pesadas. Quando ambos chegaram aos últimos momentos, mandou Deus que lhe trouxessem os dois sacos. Um estava cheio, volumoso, atochado, e nele ressoava o metal que o enchia; o outro era pequenino e tão vazio que se podiam contar as moedas que continha. Este o meu, disse um, reconheço-o; fui rico e dei muito. Este o meu, disse o outro, sempre fui pobre, oh! Quase nada tinha para repartir. Mas, oh! Surpresa! Postos na balança os dois sacos, o mais volumoso se revelou leve, mostrando-se pesado o outro, tanto que fez se elevasse muito o primeiro o prato da balança. Deus, então, disse ao rico: deste muito, é certo, mas deste por ostentação e para que o teu nome figurasse em todos os templos do orgulho e, ao demais, dando, de nada te privaste. Vai para a esquerda e fica satisfeito com o te serem as tuas esmolas contadas por qualquer coisa. Depois, disse ao pobre: Tu deste pouco, meu amigo; mas, cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação que te impuseste; não deste, esmolas, entretanto, praticaste a caridade, e, o que vale muito mais, fizeste a caridade naturalmente, sem cogitar de que te fosse levada em conta; foste indulgente; não te constituíste juiz do teu semelhante; ao contrário, todas as suas ações lhe relevaste: passa à direita e vai receber a tua recompensa.

(Um Espírito protetor, Lyon, 1861.)

16. A mulher rica, venturosa, que não precisa empregar o tempo nos trabalhos de sua casa, não poderá consagrar algumas horas a trabalhos úteis aos seus semelhantes? Compre, com o que lhe sobre dos prazeres, agasalhos para o desgraçado que tiritava de frio; confeccione, com suas mãos delicadas, roupas grosseiras, mas quentes; auxilie uma mãe a cobrir o filho que vai nascer. Se por isso seu filho ficar com algumas rendas de menos, o do pobre terá mais com que se aqueça. Trabalhar para, os pobres, é trabalhar na vinha do Senhor.

E tu, pobre operária, que não tens supérfluo, mas que, cheia de amor aos teus irmãos, também queres dar do pouco com que contas, dá algumas horas do teu dia, do teu tempo, único tesouro que possuis; faze alguns desses trabalhos elegantes que tentam os felizes; vende o produto dos teus serões e poderás igualmente oferecer aos teus irmãos a tua parte de auxílios. Terás, talvez, algumas fitas de menos; darás, porém, calçado a um que anda descalço.

E vós, mulheres que vos votastes a Deus, trabalhai também na sua obra; mas, que os vossos trabalhos não sejam unicamente para adornar as vossas capelas, para chamar a atenção sobre a vossa habilidade e paciência. Trabalhai, minhas filhas, e que o produto de vossas obras se destine a socorrer os

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

vossos irmãos em Deus. Os pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar para eles é glorificá-lo. Sede-lhes a providência que diz: “Aos pássaros do céu dá Deus o alimento.” Mudem-se o ouro e a prata que se tecem nas vossas mãos em roupas e alimentos para os que não os têm. Fazei isto e abençoado será o vosso trabalho.

Todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso gênio, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos abençoará. Poetas, literatos, que só pela gente mundana sois lidos! satisfazei-lhe aos lazeres, mas consagrai o produto de algumas de vossas obras a socorros aos desgraçados. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros!... venha também a vossa inteligência em auxílio dos vossos irmãos; não será por isso menor a vossa glória e alguns sofrimentos haverá de menos.

Todos vós podeis dar. Qualquer que seja a classe a que pertença, de alguma coisa dispondes que podeis dividir.

Seja o que for que Deus vos haja outorgado, uma parte do que ele vos deu deveis àquele que carece do necessário, porquanto, em seu lugar, muito gostaríeis que outro dividisse convosco. Os vossos tesouros da Terra serão um pouco menores; contudo, os vossos tesouros do céu ficarão acrescidos. Lá colhereis pelo cêntuplo o que houverdes semeado em benefícios neste mundo.

(João, Bordeaux, 1861.)

A beneficência

Edgard Armond dizia que o verdadeiro discípulo de Jesus é aquele que não apenas **dá o que sobra**, mas **divide o que tem**. A hora é de juntarmos nossos esforços em favor dos corações em sofrimento.

A cada ação de desprendimento, vamo-nos espiritualizando e diminuindo o nosso apego ao mundo material, tão passageiro. Olhemos em volta. Quantos bens nos são disponibilizados no dia a dia, até mais do que precisamos! E se observarmos no que nos sobra e que simplesmente jogamos fora, certamente daremos um puxão de orelha em nós mesmos, e diremos: **“Mas que egoísta que eu sou!”**

Este é o maior desafio a ser vencido, para fazer valer a encarnação. Jesus disse que o Filho do Homem não veio à Terra para ser servido, mas para servir. E nós, também, aqui estamos para servir. A caridade é a virtude por excelência e constitui a mais alta expressão do sentimento humano, sobre cuja base as construções elevadas do Espírito encontram firmeza para realizar atividades nobres, em prol de todas as criaturas.

Em mensagem inserida no item 11 do capítulo XIII de **“O Evangelho segundo o Espiritismo”**:
“Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita.”

(Adolfo, Bispo de Alger, diz):

“A beneficência, meus amigos, vos dará neste mundo os gozos mais puros e mais doces, as alegrias do coração, que não são perturbadas nem pelos remorsos, nem pela indiferença. Oh, pudésseis compreender tudo o que encerra de grande e de agradável a generosidade das belas almas, esse sentimento que faz que se olhe aos outros com o mesmo olhar voltado para si mesmo, e que se desvista com alegria para vestir a um irmão!

Pudésseis, meus amigos, ter apenas a doce preocupação de fazer aos outros felizes!

Quais as festas mundanas que se podem comparar a essas festas jubilosas, quando, representantes da Divindade, levais a alegria a essas pobres famílias que, da vida só conhecem as vicissitudes e as amarguras, quando vedes nelas os semblantes macerados refulgirem subitamente de esperança, porque, faltos de pão, os desgraçados ouviam seus filhinhos, ignorantes de que viver é sofrer, gritando repetidamente, a chorar, estas palavras, que, como um punhal, se lhes enterravam nos corações maternos: ‘Estou com fome!’.”

Jesus esclareceu-nos que todas as vezes que dermos de comer a um faminto;

Dermos de beber a quem tem sede;

Dermos abrigo a quem não tem um lar;

Vestirmos os nus;

Visitarmos os doentes e encarcerados, é a Ele próprio e a Deus que estamos fazendo.

Portanto, mãos à obra. Há um longo caminho a percorrer, e que será menos áspero cada vez que nos disponibilizarmos a praticar a beneficência.

“Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprindo esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna.”,

recomenda-nos:

(S. Vicente de Paulo, no item 12 do capítulo citado do Evangelho.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Elucidações de Emmanuel

Nº 210 – 22/05/2011

O Consolador

V. Instruções dos Espíritos

II. A Beneficência

Elucidações de Emmanuel

Os sentimentos do homem, nas suas próprias ideias apaixonadas, se dirigidos para o bem, produziram sempre, em consequência, os mais substanciosos frutos para a obra de Deus.

Em quase toda parte, porém, desenvolvem-se ao contrário, impedindo a concretização dos propósitos divinos, com respeito à redenção das criaturas.

De modo geral, vemos o amor interpretado tão-somente à conta de emoção transitória dos sentidos materiais, a beneficência produzindo perturbação entre dezenas de pessoas para atender a três ou quatro doentes, a fé organizando guerras sectárias, o zelo sagrado da existência criando egoísmo fulminante.

Aqui, o perdão fala de dificuldades para expressar-se; ali, a humildade pede a admiração dos outros.

Todos os sentimentos que nos foram conferidos por Deus são sagrados.

Constituem o ouro e a prata de nossa herança, mas, como assevera o apóstolo, deixamos que as dádivas se enferrujassem, no transcurso do tempo.

Faz-se necessário trabalhemos, afanosamente, por eliminar a “**ferrugem**” que nos atacou os tesouros do espírito.

Para isso, é indispensável compreendamos no Evangelho a história da renúncia perfeita e do perdão sem obstáculos, a fim de que estejamos caminhando, verdadeiramente, ao encontro do Cristo.

Emmanuel, Caminho Verdade e Vida, (psicografia Chico Xavier), (cap. 24.)

5. Instruções dos Espíritos.

3. A piedade

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos anjos; é a irmã da caridade, que vos conduz a Deus. Ah! Deixai que o vosso coração se enteneça ante o espetáculo das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que lhes derramais nas feridas e, quando, por bondosa simpatia, chegais a lhes proporcionar a esperança e a resignação, que encanto não experimentais! Tem um certo amargor, é certo, esse encanto, porque nasce ao lado da desgraça; mas, não tendo o sabor acre dos gozos mundanos, também não traz as pungentes decepções do vazio que estes últimos deixam após si. Envolve-o penetrante suavidade que enche de júbilo a alma. A piedade, a piedade bem sentida é amor; amor é devotamento; devotamento é o olvido de si mesmo e esse olvido, essa abnegação em favor dos desgraçados, é a virtude por excelência, a que em toda a sua vida praticou o divino Messias e ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime.

Quando esta doutrina for restabelecida na sua pureza primitiva, quando todos os povos se lhe submeterem, ela tornará feliz a Terra, fazendo que reinem aí a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais apropriado a fazer que progridais, domando em vós o egoísmo e o orgulho, aquele que dispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! Piedade que vos comove até as entranhas à vista dos sofrimentos de vossos irmãos, que vos impele a lhes estender a mão para socorrê-los e vos arranca lágrimas de simpatia. Nunca, portanto, abafeis nos vossos corações essas emoções celestes; não procedais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque o espetáculo de suas misérias lhes perturbaria por instantes a existência álcere. Temei conservar-vos indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade comprada à custa de uma indiferença culposa é a tranquilidade do mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fétida e a corrupção.

Quão longe, no entanto, se acha a piedade de causar o distúrbio e o aborrecimento de que se arreceia o egoísta! Sem dúvida, ao contacto da desgraça de outrem, a alma, voltando-se para si mesma, experimenta um confrangimento natural e profundo, que põe em vibração todo o ser e o abala penosamente. Grande, porém, é a compensação, quando chegais a dar coragem e esperança a um irmão infeliz que se entenece ao aperto de uma mão amiga e cujo olhar, úmido, por vezes, de emoção e de reconhecimento, para vós se dirige docemente, antes de se fixar no Céu em agradecimento por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é o melancólico, mas celeste precursor da caridade, primeira das virtudes que a tem por irmã e cujos benefícios ela prepara e enobrece.

(Miguel, Bordéus, 1862)

Um belo exemplo de piedade

Só a Alma superior volta toda a sua atenção para o que é fundamental: a piedade e humildade segundo padrões fraternais apresentados por Jesus Cristo, corroborados pelo Espiritismo — um sentimento predisposto a desejar o bem de outrem sem condicionante, algo fora do comum no mais alto grau.

O verdadeiro amor referido por Jesus e ratificado pela Doutrina Espírita resume-se no sentimento por excelência do ser racional, dotado de livre-arbítrio, ou seja, a faculdade de tornar efetivo ou não o que foi determinado ou prescrito, ou o que nos obrigamos perante nós mesmos pela ação e vontade. Quem ama possui a quietude do espírito sensato, corajoso e inconfundível, ao prosseguir firme na ventura ou desventura como uma bússola em plena tempestade.

Oh! Bendito sentimento que move ao bem do próximo, ainda que em dadas circunstâncias aparentemente contraditórias.

Pode-se exercer o amor à feição da caridade moral em quaisquer ocasiões, a que os espíritas sinceros tão bem conhecem. O momento máximo do amor ao próximo por amor a Deus, às vezes, nos surpreende mediante curiosos aspectos particulares. Eis, a seguir, um belo exemplo de comiseração humana.

Tudo ocorreu há cento e cinquenta anos na Península da Crimeia, Rússia.

Inglese e russos enfrentaram-se ferozmente por causa de impetuoso motivo: ambos desejavam obter matéria-prima para suas indústrias e compradores para seus produtos manufaturados. A Rússia queria uma saída para o mar e, nesse caso, a França uniu-se à Inglaterra para conter o avanço das tropas do Czar Nicolau I, pelo Oriente, através dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, região pertencente ao Império Otomano. Portanto, estava decretada a Guerra da Crimeia.

Data: 21 de outubro de 1854... Um certo combate da história dessa guerra começou. Contam que desprezada e corajosa enfermeira de 34 anos de idade, chamada Florence Nightingale, decidiu partir da Inglaterra para a Crimeia, ela e mais algumas voluntárias, com o propósito de ajudar feridos que morriam à míngua por falta de bons hospitais. Em que pese o exército britânico possuir fuzis modernos e precisos, navios e trens velozes para transporte de tropas, alimentos e remédios, estava desatualizado quanto à mão de obra médica.

Por causa disso, a valorosa Florence empenhou-se por remitir o sofrimento dos semelhantes, fossem estes ingleses ou não fossem.

Notícias e mais notícias de funestas ocorrências eram divulgadas pela imprensa inglesa, muitos feridos acabavam morrendo em hospitais militares. Se da parte britânica e seus aliados franceses, turcos e sardenhos, havia organização e melhores condições, da parte russa, só carência e falta de recursos. No entanto, havia quarenta anos, o exército inglês não dava sequer um tiro em inimigos, e o número de baixas por morte ou ferimento aumentava, apesar das vantagens.

E um certo jovem soldado inglês teve a felicidade de permanecer sob o amparo da célebre e bondosa enfermeira e sua valorosa equipe. O soldado sofrera profundo ferimento no pescoço, causado por golpe de baioneta em pleno combate corpo-a-corpo, numa batalha campal em Inkerman, onde o número de mortos e feridos foi impressionante.

Enquanto convalescia no hospital militar de Scutari, o jovem aprendeu a produzir belíssimas bolsas de contas; descobriu um meio de combater a tristeza, a inércia.

Certo dia, alguém veio ver os feridos e doou um saco de contas coloridas ao moço, tinha sabido antes que o convalescente possuía habilidades manuais, vocação para artesanato. Desde algum tempo, o soldado recobrava a saúde naquele hospital; conseguira sobreviver ao grave ferimento nas duas cordas inferiores, as verdadeiras cordas vocais por ser as que mais influem na fonação.

A impossibilidade de falar representava-lhe às vezes um verdadeiro inferno, por isso ele sentia profunda angústia.

Mas o soldado não se rendia ao sofrimento. Embora tudo lhe fosse sombrio, o moço procurava manter-se confiante, ainda que suportasse a falta de higiene, a miséria, o mau cheiro (isto, antes da chegada de Florence Nightingale).

Algum tempo depois, uma visitante se sentiu atraída por uma das bolsas confeccionadas por ele. Além de elogiar o produto de seu trabalho, perguntou quanto custava e o comprou. Imensa alegria o moço sentiu, precisava se expandir, de modo que chamou a atenção de uma enfermeira — afinal, era a primeira vez que a fisionomia mudou desde que fora internado.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

“Nossa!”, observou a voluntária. A enfermeira admirou-se por vê-lo tão contente e se sentiu dominada por intensa curiosidade. A colega da notável enfermeira-chefe, a que inspirou o suíço Henry Dunant a criar a Cruz Vermelha Internacional, quis logo saber o motivo de tanta euforia, assim que atendeu a um outro ferido recém-chegado do campo de batalha.

“Veja, enfermeira, que sorte a minha”, o rapaz esforçava-se por falar, “aquela dama comprou uma bolsa!”, podendo-se apenas ouvir sons guturais, emitidos de um jeito horroroso, ininteligível. A voluntária, porém, se alegrou por ele; fitou-o enternecidamente, mas, ao mesmo tempo, sentiu um aperto; no fundo, ela desejava poder-lhe contar algo... Faltou coragem.

Ato contínuo, de seus olhos, sentida lágrima rolou e ela se inclinou para acariciar a dourada cabeleira do soldado: **“Sinto-me feliz por você, mas não compreendi uma só palavra do que disse - sou surda - por que não escreve?”**, propôs isto e lhe ofereceu papel, pena e tinteiro. A fisionomia do rapaz indicou profundo sentimento de lástima, daí escrever: **“Como pode alguém ter tanto ânimo, tanto amor, padecendo de tão grande aflição?”**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIII)

Elucidações de Emmanuel

Nº 439 – 08/11/2015

O Consolador

V. Instruções dos Espíritos

III. A piedade

Piedade em casa

Não aguardes as ocorrências da dor para desabotoares a flor da piedade no coração.
Sê afável com os teus, sê gentil em casa, sê generoso onde estiveres.

No lar, encontrarás múltiplas ocasiões, cada dia, para o cultivo da celeste virtude.
Tolera, com calma silenciosa, a cólera daqueles que vivem sob o teto que te agasalha.

Não pronuncies frases de acusação contra o parente que se ausentou por algumas horas.
Não te irrites contra o irmão enganado pela vaidade ou pelo orgulho que se transviou nos vastos despenhadeiros da ilusão.

Na tarefa de esposo, desculpa a fraqueza ou a exasperação da companheira, nos dias cinzentos da incompreensão; e, no ministério da esposa, aprende a perdoar as faltas do companheiro e a esquecer-las, a fim de que ele se fortaleça no crescimento do bem.

Se és pai ou mãe, compadece-te de teus filhos, quando estejam dominados pela indisciplina ou pela cegueira; e, se és filho ou filha, ajuda aos pais, quando sofram nos excessos de rigorismo ou na intemperança mental.

Compreende o irmão que errou e ajuda-o para que não se faça pior, e capacita-te de que toda revolta nasce da ignorância para que tuas horas no lar e no mundo sejam forças de fraternidade e de auxílio.

Quando estiveres à beira da impaciência ou da ira, perdoa setenta vezes sete vezes e adota o silêncio por gênio guardião de tua própria paz.
Compadece-te sempre.

Se tudo é desespero e conturbação, onde te encontras, compadece-te ainda, ampara e espera, sem reclamar.
Guarda a piedade, entre as bênçãos do trabalho.

Habituemo-nos a ignorar todo o mal, fazendo todo o bem ao nosso alcance.
A piedade do Senhor, nas grandes crises da vida, transformou-se em perdão com bondade e em ressurreição com serviço incessante pelo soerguimento do mundo inteiro.

Emmanuel, Alvorada do Reino, (psicografia Chico Xavier.)

5. Instruções dos Espíritos.

4. Os órfãos

18. Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra encarnação, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito a vossa caridade; não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente bem amargos são os vossos óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se na choupana a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitai esse ar de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhais por vós mesmos e pelos vossos. (Um Espírito familiar, Paris, 1860.)

Os órfãos e a reencarnação

Debrucemo-nos hoje sobre as crianças, aqueles pequeninos seres que serão os adultos de amanhã. Em especial daquelas que, à primeira vista, a sorte não favoreceu: os órfãos e abandonados no caminho da vida.

Uma questão que vulgarmente se põe é a seguinte: como é possível haver pais tão desnaturados, capazes de abandonar os próprios filhos? Por que permite Deus que tamanha barbaridade aconteça?

Para quem não enxerga mais do que a visão física permite, tal estado de coisas é de uma injustiça flagrante. Que fizeram esses pequenos seres para serem esquecidos logo após o nascimento? Que crime cometeram para ficar sozinhos no mundo?

Para compreender este problema é preciso ir mais além na busca de explicações e soluções. Torna-se necessário ver e sentir para lá da cortina que a matéria nos impõe.

Em cada criança vive um espírito muito antigo que retorna à vida material para reparar erros do seu passado, suportar provas para o seu adiantamento moral ou, em casos raros e especiais, realizar uma missão elevada para o progresso geral da humanidade.

Assim, em muitos casos, ao ficar só na vida aquela criança sofre as consequências dos seus próprios atos praticados numa vida anterior, em que terá sido por hipótese um pai ou mãe descuidado dos seus deveres e obrigações para com aqueles que partilharam o seu lar na condição de filhos.

Se sofre agora o abandono foi porque igualmente abandonou aqueles que a Providência Divina entregou aos seus cuidados para orientar e encaminhar na estrada da vida. Olhando por este prisma trata-se da mais elementar justiça divina.

Pode também acontecer que esses sofrimentos logo no início da sua estadia no mundo físico lhe pretendam servir de preparação para a sua vida futura, para dominar um carácter rebelde ou para dar mais valor às pessoas que mais tarde o acolherão, dando real significado à adoção.

Benditos aqueles que dispendo de recursos econômicos ou afetivos não se conformam com a esterilidade da sua vida e dão a oportunidade a essas crianças abandonadas e desprotegidas de partilhar o seu lar.

Partilhar tudo o que têm com aqueles que nada possuem, além da vida que Deus lhes deu e do amor e dedicação por um ser humano que lhes preste um pouco de atenção e carinho.

Quantas vezes acolhem nos seus lares, sem o saberem, um ente amado de outra encarnação, e se estivessem conscientes desse facto então não praticariam apenas a caridade, antes cumpririam um dever.

Através da adoção pratica-se a caridade e a piedade para com os mais desfavorecidos, tornando-a uma das mais nobres instituições humanas, filha da fraternidade e solidariedade que deveria unir todos os seres humanos numa só família.

Se todos os casais sem filhos deixassem de lado os preconceitos e uma certa repugnância que a adoção lhes inspira, e dessem a oportunidade a uma dessas crianças que só desejam um pouco de carinho e atenção, não haveria tanta marginalidade e sofrimento juvenis como se vê nos tempos atuais.

Que cada um analise as facilidades que a vida material lhe proporcionou e se consciencialize de que tudo é efêmero e passageiro, tudo o que lhe foi dado lhe pode ser tirado, e partilhe um pouco de amor com aqueles que nada têm.

Só assim estaremos a caminho de considerar como nossa família a humanidade inteira.

O Espírito da Verdade
(Emmanuel)

V. Instruções dos Espíritos
IV. Os órfãos

56 – Por amor à criança

Nós que tantas vezes rogamos o socorro da Providência Divina, oremos ao coração da Mulher, suplicando pelos filhos das outras!

Peçamos às seareiras do bem pelas crianças desamparadas, flores humanas atingidas pela ventania do infortúnio, nas promessas do alvorecer!

Pelas crianças que foram enjeitadas nos becos de ninguém; pelas que vagueiam sem direção, amedrontadas nas trevas noturnas;

Pelas que sugam os próprios dedos, contemplando, por vidraças faustosas, a comida que sobeja desperdiçada; Pelas que nunca viram a luz da escola;

Pelas que dormem, estremunhadas, na goela escura do esgoto; pelas que foram relegadas aos abrigos de lama e se transformam em cobaias de vermes destruidores;

Pelas que a tuberculose espia, assanhada, através dos molambos com que se cobrem;

Pelas que se afligem no tormento da fome e mentalizam o furto do pão;

Pelas que jamais ouviram uma voz que as abençoasse e se acreditam amaldiçoadas pelo destino;

Pelas que foram perfilhadas por falsa ternura e são mantidas nas casas nobres quais pequenas alimárias constantemente batidas pelas varas da injúria;

E por aquelas outras que caíram, desorientadas, nas armadilhas do crime e são entregues ao vício e à indiferença, entre os ferros e os castigos do cárcere.

Mães da Terra, enquanto vos regozijais no amor de vossos filhos, descerrai os braços para os órfãos de mãe!

Lembremos o apelo inolvidável do Cristo: **“deixai vir a mim os pequeninos.”**

E recordemos, sobretudo, que se o homem deve edificar as paredes imponentes do mundo porvindouro, só a mulher poderá convertê-lo em alegria da vida e carinho do lar.

Emmanuel

5. Instruções dos Espíritos.

5. Benefícios pagos com a ingratidão

19. Que se deve pensar dos que, recebendo a ingratidão em paga de benefícios que fizeram, deixam de praticar o bem para não topar com os ingratos?

Nesses, há mais egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem, apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há também orgulho, porquanto os que assim procedem se comprazem na humildade com que o beneficiado lhes vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento. Aquele que procura, na Terra, recompensa ao bem que pratica não a receberá no céu. Deus, entretanto, terá em apreço aquele que não a busca no mundo.

Deveis sempre ajudar os fracos, embora sabendo de antemão que os a quem fizerdes o bem não vo-lo agradecerão. Ficai certos de que, se aquele a quem prestais um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se com a sua gratidão o beneficiado vo-lo houvesse pago. Se Deus permite por vezes sejais pagos com a ingratidão, é para experimentar a vossa perseverança em praticar o bem.

E sabeis, porventura, se o benefício momentaneamente esquecido não produzirá mais tarde bons frutos? Tende a certeza de que, ao contrário, é uma semente que com o tempo germinará. Infelizmente, nunca vedes senão o presente; trabalhais para vós e não pelos outros. Os benefícios acabam por abrandar os mais empedernidos corações; podem ser olvidados neste mundo, mas, quando se desembaraçar do seu envoltório carnal, o Espírito que os recebeu se lembrará deles e essa lembrança será o seu castigo. Deplorará a sua ingratidão; desejará reparar a falta, pagar a dívida noutra existência, não raro buscando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. Assim, sem o suspeitardes, tereis contribuído para o seu adiantamento moral e vireis a reconhecer a exatidão desta máxima: um benefício jamais se perde. Além disso, também por vós mesmos tereis trabalhado, porquanto granjareis o mérito de haver feito o bem desinteressadamente e sem que as decepções vos desanimassem.

Ah! Meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que prendem a vossa vida atual às vossas existências anteriores; se pudésseis apanhar num golpe de vista a imensidade das relações que ligam uns aos outros os seres, para o efeito de um progresso mútuo, admiraríeis muito mais a sabedoria e a bondade do Criador, que vos concede reviver para chegardes a ele.

(Guia protetor, Sens, 1862.)

O Espírito da Verdade
(André Luiz)

V. Instruções dos Espíritos
V. Benefícios pagos com a ingratidão

100 – Você e os outros

Amigo, atendamos ao apelo da fraternidade.

Abra a própria alma às manifestações generosas para com todos os seres, sem trancar-se na torre das falsas situações perante o mundo.

A pretexto de viver com dignidade, não caminhe indiferente ao passo dos semelhantes.

Busque relacionar-se com as pessoas de todos os níveis sociais, tendo amigos além das fronteiras do lar, da fé religiosa e da profissão.

Evite a circunspeção constante e a tristeza sistemática que geram a frieza e sufocam a simpatia.

Não menospreze a pessoa mal vestida nem a pessoa bem-posta.

Não crie exceções na gentileza para com o companheiro menos experiente ou menos educado, nem humilhe aquele que atenta contra a gramática.

Não deixe correr meses sem visitar e falar aos irmãos menos favorecidos, ignorando a dor que acaso exista.

Não condicione as relações com os outros ao paletó e à gravata, às unhas esmaltadas ou aos sapatos brilhantes que possam mostrar.

Não se escravize ao título convencional e nem exagere as exigências da sua posição em sociedade.

Dê atenção a quem lhe peça, sem criar empecilhos.

Trave conhecimento com os vizinhos, sem qualquer solenidade.

Faça amizade desinteressadamente.

Aceite o favor espontâneo e preste serviço também sem pensar em remuneração.

Ninguém pode fugir à convivência da Humanidade.

Saiba, pois, viver com todos para que o orgulho não lhe solape o equilíbrio.

Quem se encastela no próprio espírito é assim como o poço de água parada que envenena a si mesmo.

Seja comunicativo.

Sorria à criança.

Cumprimente o velhinho.

Converse com o doente.

Liberte o próprio coração, destruindo as barreiras de conhecimento e fé, título e tradição, vestimenta e classe social, existentes entre você e as criaturas, e a felicidade que você fizer para os outros será luz da felicidade sempre maior brilhando em você.

André Luiz

Crônicas e Artigos

Nº 17 – 08/08/2007

O Consolador – (Cristian Macedo)

V. Instruções dos Espíritos

V. Benefícios pagos com a ingratidão

A ingratidão

“A ingratidão é filha do egoísmo.”

(Allan Kardec – O Livro dos Espíritos (item 937))

Estava lendo um livro de Osho, onde ele falava que a gratidão é uma prece. Falava mesmo, pois ele não escrevia.

Seus livros são de gravações das palestras que realizava.

A questão é: como ser grato?

Rodeados de ingratos.

Quando pensamos em gratidão, nos vem quase sempre a cabeça aquilo que desejamos que os outros nos façam em troca de uma **“boa ação”** que realizamos.

Ao ajudar alguém, o **“caridoso”** deseja ser lembrado, reverenciado por toda a vida.

Tanto tem essa necessidade que, se não recebe as lisonjas que espera, diz que nunca mais irá, fazer nada pelos outros, pois os outros são ingratos.

Muitas vezes a pessoa que recebeu a ajuda, a ação boa, está com saúde e ânimo, está ajudando outros. Isso não basta.

A ajuda deve ser lembrada todos os dias e falada aos quatro ventos.

Além de bajular, aquele que é **“grato”** deve ser garoto, propaganda do seu bem feito.

Talvez por manter essa visão de gratidão, poucos se acham gratos. Poucos se ajoelham diante de Deus e o bajulam com palavras recitadas.

Não tem tempo para isso e se sentem ingratos, têm culpa.

Reconceituando a gratidão.

Mas então o que é ser grato?

É reconhecer as graças recebidas. É fazer da vida uma demonstração de gratidão.

O trabalho bem-feito, sério e construtivo é demonstração de gratidão.

Os pais que, por amor, educam seu filho, ao presenciarem o seu êxito, o seu sucesso como pessoa, como trabalhador, como pai de família, percebem que o filho é grato por tudo que recebeu, pois está fazendo bom uso de tudo.

Árvores, flores, animais – todos são gratos à vida – todos vivem plenamente.

Dão ao mundo seu melhor, sua beleza, sua abundante vida – isso é gratidão.

As pessoas que se dedicarem ao bem, aproveitando a dádiva da vida, da saúde, do discernimento, demonstram, sem dúvida, uma gratidão imensa.

O que dizer de alguém que reza a Deus agradecendo, mas age de forma imoral no mundo? O que dizer de um filho que bajula os pais, mas passa a vida à custa deles? O que dizer de alguém que sempre nos agradece, mas não fez bom uso do que lhe oferecemos?

É uma gratidão inútil. É uma gratidão dos lábios e não do coração.

Ser grato nos faz feliz.

Quando entendemos a vida, quando ampliamos nossa consciência, somos mais alegres, sorrimos mais, nos tornamos mais leves.

Ser grato por um dom é usá-lo bem. E isso nos faz feliz: fazer o que manda nossa vocação.

Cumprir o propósito é ser grato.

Quando nos casamos com alguém que amamos, somos felizes. Mas não basta agradecer a Deus, ou a pessoa que aceitou **“o desafio.”**

Viver em comunhão, respeito e atenção plena é demonstração de gratidão.

Quando arranjamos o emprego dos sonhos, nossa gratidão deve ser expressa nas atitudes corretas e no dever cumprido com seriedade. Não adianta agradecer o patrão e prestar um serviço ruim.

Diante da doença, surge a cura. Não bastará agradecer ao médico. A gratidão engloba mudanças de hábito e uso ético do corpo saudável.

Viver a gratidão, é viver, a vida.

É viver em ampla consciência. É realizar coisas boas, é alimentar a compaixão, a benevolência, a indulgência, o perdão, é sorrir, conhecer, amar.

Agradecer a vida é abrir-se a ela plenamente, como as árvores ao darem frutos, as flores ao exalarem perfumes, as crianças rindo nas brincadeiras e descobertas.

5. Instruções dos Espíritos.6. Beneficência exclusiva

20. É acertada a beneficência, quando praticada exclusivamente entre pessoas da mesma opinião, da mesma crença, ou do mesmo partido?

Não, porquanto precisamente o espírito de seita e de partido é que precisa ser abolido, visto que são irmãos todos os homens. O verdadeiro cristão vê somente irmãos em seus semelhantes e não procura saber, antes de socorrer o necessitado, qual a sua crença, ou a sua opinião, seja sobre o que for. Obedeceria o cristão, porventura, ao preceito de Jesus Cristo, segundo o qual devemos amar os nossos inimigos, se repelisse o desgraçado, por professar uma crença diferente da sua? Socorra-o, portanto, sem lhe pedir contas à consciência, pois, se for um inimigo da religião, esse será o meio de conseguir que ele a ame; repelindo-o, faria que a odiasse.

(S. Luís, Paris, 1860.)

O Espírito da Verdade
(André Luiz)

V. Instruções dos Espíritos
VI. Beneficência exclusiva

70 – Na tarefa de ajudar

Auxilie a quem lhe procure a presença, mas não se esqueça de socorrer diretamente quem padece à distância.

Ele tá verde.

Transfira a cooperação alheia aos lares menos aquinhoados, porém não se desobrigue de contribuir com a sua quota de ajuda pessoal.

Distribua o que lhe sobra à mesa, tanto quanto no guarda-roupa e na bolsa: contudo, siga além, doando a quem sofre os recursos positivos de seu sentimento.

Empreste, com justiça, o que lhe peçam; no entanto, não menospreze transformar os seus empréstimos em dádivas fraternais.

Colabore indiscriminadamente para o bem de todos aqueles que lhe estejam próximos; todavia, esforce-se por aprimorar os métodos da sua colaboração para ajudar melhor.

Organize a sua vida em disciplina rigorosa no dever cumprido; ainda assim, faça o tempo de persistir no trabalho de assistência aos irmãos em luta maior.

Atenda ao estômago faminto e ao corpo enfermo do companheiro em provação; entretanto, não recuse favorecê-lo com a palavra consoladora e com o livro nobre.

Seja o intermediário entre distribuidores generosos e corações menos felizes; porém, não deixe de convidar, aos que se beneficiam materialmente, a se beneficiarem, do ponto de vista moral, nas visitas de socorro evangélico e solidariedade humana.

Dê o máximo de suas possibilidades no amparo aos semelhantes, mas não se satisfaça com os resultados obtidos, buscando enriquecer os seus dotes de eficiência no plantio da caridade.

Exemplifique a beneficência, tanto quanto lhe seja possível, em todas as circunstâncias; contudo, prefira a naturalidade e a discrição para revestir as suas mínimas atitudes.

Lembre-se de que, na tarefa de ajudar, o bem maior é sempre aquele que ainda está por fazer, à espera da nossa disposição.

André Luiz.

Crônicas e Artigos

Nº 72 – 07/09/2008

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

V. Instruções dos Espíritos

VI. Beneficência exclusiva

Socorro sempre

“Quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, porque esses não têm com que te retribuir.”

(Jesus – Lucas, XIV).

Precisamos, urgentemente, aprender a servir ao próximo sem qualquer intenção de receber reconhecimentos ou aplausos.

A verdadeira caridade consiste em descobrir o mal que atormenta os irmãos do caminho e sair à busca de medidas e soluções que possam minorar-lhes o sofrimento, deixando de lado a preocupação em ser compreendido, pois que nem sempre aquele que vive atormentado tem condições de entender o bem que está recebendo.

Jesus, em sua notável sabedoria, deixou para a humanidade o expressivo ensinamento:

“não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita”, numa evidente demonstração de que o bem deve ser feito no silêncio, sem qualquer alarde, e em outro momento sentenciou:

“quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados”, informando que não devemos esperar agradecimento de ninguém, porque, acima de tudo, ser fraterno e solidário é obrigação de todos nós.

E, obviamente, a caridade não se reveste tão-somente do oferecimento de prendas materiais, apesar do valor do socorro ministrado em forma de alimento, remédio, roupas e outros, mas é muito mais abrangente, envolvendo e entrelaçando as criaturas nos sentimentos do amor, onde poderão nascer inúmeras formas de amparo e ajuda mútua, na educação e politização do povo, na criação de oportunidades de trabalho, de estudos e motivação das criaturas, no desenvolvimento de mecanismos de promoção humana e tantas outras maneiras.

O real exercício da verdadeira caridade, aquela que vem acompanhada do desprendimento e desinteresse pessoal, não é tarefa tão fácil como parece, mas é empreitada que exige dedicação, perseverança e total afinidade com os preceitos evangélicos de Jesus, pois Ele mesmo, conhecendo as nossas limitações, não se esqueceu de nos orientar, quando pronunciou: **“os são não precisam de médico.”**

Naquela valiosa oportunidade ensinava que os **“doentes”**, via de regra, são mal-humorados, tristes, revoltados, agressivos, impacientes, rebeldes e muitas vezes totalmente ingratos.

E, em realidade, **“doentes”** ainda somos todos nós que apresentamos alguma coisa em desacordo com a normalidade física ou moral. Existem os doentes físicos e os doentes morais, aqueles que apresentam chagas no corpo e outros que exibem feridas comportamentais.

Todos, indistintamente, precisamos do socorro e da caridade alheia, pois, sem benevolência, indulgência e perdão, a humanidade continuará atolada no abismo do sofrimento e da dor.

Aprendamos, então, a socorrer sempre, doando um pouco do que temos ao próximo e, principalmente, nos doando em favor das causas que têm como meta o soerguimento moral das coletividades.

Observemos o nosso potencial, verifiquemos as qualidades que já desenvolvemos e nos coloquemos a serviço dos irmãos de jornada.

Encontraremos ingratidão, descaso, indiferença e, possivelmente, até calúnias, mas tudo isso Jesus também experimentou e, no entanto, seguiu sua tarefa, sem esmorecimento.

Como cristãos, façamos o mesmo, esforcemo-nos o máximo para ajudar a plantar o reino de Deus na Terra.

Sejamos caridosos desinteressadamente.